

The Play

ELLE
KENNEDY

BRIAR U

OS DESENCONTOS
DE DEMI E HUNTER

Tradução
JULIANA ROMEIRO

**PA
RA
LE
IA**

*Para Sarah J. Maas, pelo apoio e entusiasmo. E por me lembrar
do motivo por que escrevo.*

HUNTER

Que porcaria de festa.

Devia ter ficado em casa, mas hoje em dia minha “casa” é que nem morar no set de filmagem de um programa das irmãs Kardashian. Graças às minhas três colegas de república, o lugar é um festival de estrogênio.

Tudo bem que tem bastante estrogênio rolando aqui na casa da fraternidade Theta Beta Nu, mas é do tipo pelo qual posso sentir atração. Todas as minhas colegas de república têm namorado, então são território proibido.

Estas mulheres também são território proibido...

Verdade. Por causa de minha autoimposta abstinência, não posso chegar em ninguém, ponto-final.

O que levanta a pergunta: se uma árvore cai numa floresta e você não pode comer ninguém numa festa de fraternidade, dá pra continuar chamando isso de festa?

Pego o copo de plástico que meu amigo e colega de time Matt Anderson acabou de me trazer. “Valeu”, murmuro.

Dou um gole e faço uma careta. A cerveja tem gosto de água, mas talvez isso seja uma coisa positiva. Um bom incentivo para não beber mais que uma. O treino amanhã só começa às dez, mas quero chegar no ginásio umas duas horas mais cedo, para treinar minha tacada.

Depois do desastre da temporada passada, jurei dar prioridade ao hóquei. Na segunda começa um novo semestre, na semana que vem tem o nosso primeiro jogo, e estou animado. A Briar não se classificou para o campeonato nacional no ano passado e a culpa foi minha. Esta temporada vai ser diferente.

“O que achou dela?” Matt aponta discretamente com a cabeça para uma menina bonita de shortinho e camisola rosa clara. Não está de sutiã, e o contorno dos mamilos é bem visível sob o material sedoso.

Minha boca chega a salivar.

Cheguei a falar que é uma festa do pijama? Pois é, faz cinco meses que não transo e estou abrindo o terceiro ano numa festa em que as mulheres presentes não estão vestindo quase nada. Nunca disse que era esperto.

“Gostosa”, digo a Matt. “Vai lá tentar a sorte.”

“Até iria, mas...” Ele deixa escapar um gemido. “Ela tá de olho em *você*.”

“Bom, eu não estou disponível”, respondo, dando de ombros. “Pode ir lá falar isso pra ela.” Dou um cutucão de brincadeira em seu braço. “Tenho certeza de que ela vai te achar um bom prêmio de consolação.”

“Rá! Nem vem. Não sou segunda opção de ninguém. Se ela não estiver a fim de mim, prefiro arrumar quem esteja. Não preciso competir por atenção de mulher.”

É por isso que gosto de Matt — ele é competitivo no gelo, mas fora dele é um cara decente. Jogo hóquei minha vida inteira, e já tive colegas de time que nem titubeariam

antes de roubar a mulher de outro, ou pior, ficariam com ela pelas costas. Já joguei com caras que tratam nossas torcedoras como se fossem descartáveis, que dividem mulheres com os amigos como se fossem balas. Homens que não têm o menor respeito e o mínimo bom senso.

Mas, na Briar, tenho sorte de jogar com gente de confiança. Claro que nenhum time está livre de um babaca ou outro, mas, no geral, a maioria de meus colegas são sujeitos legais.

“É, acho que não vai ser difícil”, concordo. “A morena aqui à direita já está te pegando em pensamento.”

Assim que encontram a garota curvilínea de camisola branca, seus olhos castanhos se arregalam, satisfeitos. Ela fica vermelha ao notar e então sorri, tímida, erguendo o copo num brinde à distância.

Matt me abandona sem olhar para trás. Não o culpo.

A sala da casa está lotada de meninas de lingerie e garotos com pijamas de Hugh Hefner. Eu não sabia que era uma festa temática, então estou de calça cargo e regata branca, e por mim tudo bem. A maior parte dos caras parece não ter noção do ridículo que é estar vestido assim.

“Gostando da festa?” A música está bem alta, mas não o suficiente para que eu não consiga escutar a garota. Aquela que Matt estava conferindo.

“É. Tem bastante gente.” Dou de ombros. “O DJ é bom.”

Ela se aproxima. “Meu nome é Gina.”

“Hunter.”

“Eu sei quem você é.” E sua voz transborda de compaixão. “Eu estava na arena no jogo contra Harvard, quando aquele idiota quebrou o seu pulso. Não acredito que ele fez aquilo.”

Eu acredito. Peguei a namorada dele.

Mas fico quieto. Não foi de propósito, afinal. Não tinha ideia de quem era a garota quando dormi com ela. Mas, pelo jeito, *ela* sabia quem eu era. Queria se vingar do namorado, mas eu não sabia disso até ele pular em cima de mim no meio do segundo jogo mais importante da temporada, o que determina quem vai para o Frozen Four, esse *sim* o principal da temporada universitária. O pulso quebrado foi o resultado de uma derrubada que me estatelou no gelo. O babaca de Harvard não tinha a intensão de me quebrar, mas aconteceu e, de uma hora para a outra, eu tava fora da partida. E o nosso capitão também, Nate Rhodes, que foi expulso por arrumar briga, tentando me defender.

Tento voltar ao presente. “Foi um péssimo jeito de terminar a temporada”, comento.

Ela leva uma das mãos ao meu bíceps direito. Meus braços estão enormes, diga-se de passagem. Quando você não está pegando ninguém, malhar é fundamental para manter a sanidade.

“Sinto muito”, murmura Gina. Seus dedos deslizam gentilmente por minha pele, enviando uma trilha de calor por meu braço.

Quase solto um gemido alto. Minha nossa, estou com tanto tesão que uma mulher acariciando o meu *braço* está quase me deixando de pau duro.

Eu sei que deveria afastar a mão dela, só que faz tempo demais desde que fui tocado de um jeito que não fosse platônico. Em casa, minhas colegas de república estão o tempo todo me agarrando, mas não tem nada de sexual nisso. Brenda gosta de dar um tapa ou um beliscão em minha bunda toda vez que passamos um pelo outro no corredor, mas não é porque esteja a fim de mim. Só gosta de encher o saco.

“Quer ir para algum lugar mais sossegado e conversar ou coisa do tipo?”, sugere Gina.

Já vivi neste planeta por tempo suficiente para saber o que uma garota quer dizer com “conversar ou coisa do tipo”:

- 1) Não vai ter muita conversa.
- 2) Vai ter muita “coisa do tipo”.

Gina não poderia ter sido mais clara se estivesse carregando um cartaz que dissesse VEM ME PEGAR! Ela chega até a lamber os lábios ao fazer a pergunta.

Eu sei que deveria dizer não, mas a ideia de voltar para casa agora e bater uma no quarto enquanto minhas colegas de república fazem uma maratona de *The Hills* não é muito animadora. Então eu digo “Claro”, e sigo Gina para fora da sala.

Acabamos numa sala menor que contém um sofá, duas estantes de livros e uma mesa sob a janela. Por incrível que pareça, não tem ninguém aqui. Os deuses das festas ficaram com pena do meu celibato e nos presentearam com o tipo de privacidade perigosa que na verdade eu deveria evitar. Em vez disso, estou no sofá, deixando Gina beijar meu pescoço.

Sua camisola de cetim roça o meu braço, e a sensação de quase ausência de fricção é quase pornográfica. Tudo me deixa excitado ultimamente. Outro dia, fiquei de pau duro vendo uma propaganda de tupperware no YouTube porque a tia gostosa da propaganda estava descascando uma banana. E então ela picou a banana e colocou num potinho de plástico, e nem esse simbolismo terrível me impediu de bater uma pra tia da banana. Mais uns meses e vou estar deflorando as tortas de maçã que minha colega de república Rupi faz todo domingo.

“Você tem um cheiro tão bom.” Gina inspira fundo, então expira, e sua respiração quente faz cócegas em meu pescoço. Seus lábios se colam à minha pele de novo, quentes e úmidos contra o meu pescoço.

Ela está no meu colo, e a sensação é ótima. Suas coxas torneadas me envolvem, seu corpo quente e envolto em cetim é cheio de curvas. E eu tenho que parar agora.

Fiz uma promessa a mim mesmo e ao meu time, embora ninguém tenha me pedido isso e todos me achem louco por sequer tentar esse negócio de abstinência. Matt foi bem claro ao dizer que não acredita que reprimir

meus impulsos sexuais vai ajudar em alguma coisa com os nossos jogos. Mas eu acho que vai e, pra mim, é uma questão de princípio. Os caras me escolheram como capitão. Levo a responsabilidade muito a sério, e sei por experiência própria que tenho uma tendência a deixar as mulheres perturbarem a minha cabeça. Sair pegando geral me fez quebrar o pulso no ano passado. Não estou interessado em repetir isso.

“Gina, eu...”

Ela me interrompe, apertando os lábios contra os meus, então estamos nos beijando, e minha mente começa a girar. Ela tem gosto de cerveja e chiclete. E o cabelo, que cai por cima de um dos ombros numa cortina de cachos vermelhos, tem cheiro de maçã. Humm, quero devorar essa menina.

Nossas línguas dançam, e os beijos começam a ficar mais intensos. Minha cabeça continua a girar, com o desejo e a infelicidade lutando dentro de mim. Perdi toda e qualquer habilidade de pensar direito. Estou tão duro que dói, e Gina só piora as coisas, se esfregando em cima de mim.

Só mais trinta segundos, digo a mim mesmo. Só mais trinta segundos, e eu vou parar.

“Eu te quero tanto.” Seus lábios estão colados ao meu pescoço de novo, e então, *merda*, suas mãos descem por meu corpo. Ela segura o meu pau por cima da roupa, e quase choro de prazer. Faz tanto tempo que uma mão que

não seja a minha me toca desse jeito. Parece um crime de tão bom.

“Gina, não”, murmuro, com um gemido, e preciso de toda a força do mundo para afastar sua mão. Meu pau protesta, deixando escapar dentro da cueca as primeiras gotas de prazer.

Seu rosto está corado. Os olhos, enevoados. “Por que não?”

“Estou... dando um tempo com isso.”

“Isso o quê?”

“Sexo.”

“O que tem o sexo?”

“Decidi parar.”

“Parar com o quê?” Ela parece tão confusa quanto estou arrasado.

“Parar com o sexo”, explico, triste. “Tipo, decidi parar de transar por um tempo.”

Ela franze a testa. “Mas... por quê?”

“É uma longa história.” Faço uma pausa. “Na verdade, não tem nada de longa. Quero me concentrar no hóquei esse ano, e o sexo é uma distração grande demais. Só isso.”

Ela fica em silêncio por ainda mais tempo. Então toca meu rosto e desliza o dedão por minha barba por fazer. Lambe os lábios, e quase gozo nas calças.

“Se está preocupado que vou querer algo mais, nem esquenta. Só estou a fim de um lance casual. Minha grade na faculdade está uma loucura este semestre, e também não tenho tempo para relacionamento sério.”

“Não é uma questão de ter ou não um relacionamento”, tento explicar. “É o sexo em geral mesmo. Se eu faço uma vez, quero ficar fazendo de novo e de novo. Isso me distrai e...”

Ela me interrompe de novo. “Tá legal, nada de sexo. Então vou só te chupar.”

Quase engasgo com a língua. “Gina...”

“Não esquenta, eu gozo enquanto estiver fazendo. Fico louca de tesão.”

Isto é tortura.

Pura tortura.

Vou dizer uma coisa, será que os militares estão precisando de ideias sobre como dobrar alguém? É só entregar a eles um universitário excitado, jogar uma gostosa no colo dele dizendo que só quer um lance casual e oferecer um boquete porque fica *louca de tesão* com isso.

“Desculpa”, consigo murmurar. Então realizo o feito ainda mais difícil de tirá-la do meu colo e ficar de pé. “Não estou com a cabeça boa pra... nada disso.”

Ela continua sentada, a cabeça reclinada para trás, para me encarar. Seus olhos estão arregalados de incredulidade e um quê de... acho que é *compaixão*. Pelo amor de Deus. Agora sou digno de pena por causa do meu celibato.

“Desculpa”, repito. “E, pra deixar tudo bem claro, sei que estou com a garota mais bonita da festa, e minha decisão não tem nada a ver com você. Fiz uma promessa pra mim mesmo em abril e quero manter.”

Gina morde o lábio inferior. Então, para minha surpresa, sua expressão adquire ares de admiração. “Não vou mentir”, ela diz, “mas tô meio impressionada. Poucos caras conseguiriam manter a palavra com alguém como eu.”

“Poucos caras são tão burros quanto eu.”

Sorrindo, ela fica de pé. “Bem, te vejo por aí, Hunter. Gostaria de dizer que vou esperar por você, mas as garotas têm suas necessidades. E tá na cara que as minhas não combinam com as suas.”

Com uma risada, ela deixa a sala, e vejo seu quadril rebolando a cada passo.

Passo ambas as mãos pelos cabelos e então abafó um gemido contra a palma da mão. Não sei se devia me orgulhar de mim ou arrebentar minha própria cara por causa dessa opção ridícula que resolvi fazer.

Em geral, até que tem, *sim*, me ajudado a me concentrar no hóquei. Desconto toda a minha frustração sexual no gelo. Estou mais rápido e mais forte do que na temporada passada, e tem quase um desespero em cada tacada que mando pra rede. Acerto o alvo quase como se em tributo ao sofrimento do meu pau. Um reconhecimento que o sacrifício precisa ser honrado.

É só até o final da temporada, tento me acalmar. Só mais sete meses e, quando chegar ao final, vou ter completado um ano de celibato. E aí, vou me presentear com um verão inteiro de sexo. Um verão do sexo.

Um verão interminável de sexo selvagem...

Ai, meu Deus. Estou cansado da minha própria mão. Tudo bem que não me ajuda em nada fazer essas coisas idiotas, tipo me entregar à tentação com garotas gostosas de fraternidade.

Pela primeira vez em muito tempo, estou doido para as aulas começarem. Com sorte, vou estar tão ocupado neste semestre que vou me afogar nos estudos. Trabalhos da faculdade, tempo extra de gelo, treino e jogos — é só nisso que vou me concentrar. E nada de festas de fraternidade.

Evitar a tentação é o único jeito de manter o foco no hóquei e o pau dentro das calças.

2

DEMI

“Passa o trinco”, digo ao meu namorado Nico quando ele encosta a porta do quarto atrás da gente. Só porque a festa de hoje é na minha fraternidade não significa que meu quarto esteja aberto ao público. Na última vez em que demos uma festa e esqueci de trancar a porta, voltei pra pegar um casaco e dei de cara com uma sessão de sexo a três. Um dos dois homens tinha até cometido a barbaridade de usar Fernando, meu panda de pelúcia de um olho só, como travesseiro embaixo da bunda da menina. Sabe como é, né, para facilitar a dupla penetração que estava prestes a começar.

Isso nunca mais vai acontecer, Fernando, prometo em silêncio a meu amigo de infância enquanto o coloco sobre a mesa de cabeceira para abrir espaço pro meu namorado.

Nico cai de costas na cama, cobre o rosto com o braço e solta um suspiro cansado. Ele perdeu a festa porque precisava trabalhar, mas fico feliz que tenha se dado o trabalho de vir pra cá depois do expediente, em vez de ir pro quarto e sala em que mora de aluguel em Hastings. A cidadezinha fica a dez minutos de carro do campus da Briar, então não é tão longe. Mas sei que teria sido mais fácil ir direto pra casa e dormir.

“Cansado?”, pergunto baixinho, com pena dele.

“Morto”, é sua resposta abafada. Ele está cobrindo os olhos com o antebraço, o que me dá a oportunidade de admirar seu corpo sem ouvir gracinhas por isso.

Nico tem o porte alto, magro e atlético típico de um jogador de basquete. Embora jogasse de armador no ensino médio, não conseguiu bolsa de atleta em nenhuma faculdade e nunca foi bom o suficiente para entrar na NBA. Acho que ele não liga. O basquete era só uma diversão com os amigos de colégio; o que ele ama de verdade são os carros. Mas, embora não pratique esporte hoje em dia, ainda está em ótima forma. Faz muito exercício levantando caixas e móveis na empresa de mudanças em que trabalha.

“Pobrezinho”, murmuro. “Deixa eu cuidar disso.”

Sorrindo, começo por seus pés e vou subindo. Tiro o tênis, abro o cinto e deslizo sua calça pelas pernas. Ele se senta para me ajudar com o moletom e depois desaba na cama de novo. Agora está de peito nu, só de cueca e meia, com o braço cobrindo o rosto de novo, para proteger os olhos da luminosidade.

Com pena, apago a luz do teto e acendo o abajur da mesinha de cabeceira, que é mais suave.

Então me ajoito do lado dele, vestindo a camisola de seda preta que coloquei para a festa.

“Demi”, murmura ele, quando começo a beijar seu pescoço.

“O que foi?”

“Estou muito cansado para isso.”

Minha boca viaja ao longo de sua mandíbula, e sua barba por fazer arranha meus lábios. Alcanço sua boca e dou um beijo suave. Ele me beija de volta, mas é só por um instante. Então solta outro gemido cansado.

“É sério, gata, estou sem energia. Trabalhei catorze horas seguidas.”

“Pode deixar que eu faço todo o trabalho”, sussurro, mas quando minha mão desliza para sua virilha, não tem nenhum sinal de vida lá embaixo. Está mole feito macarrão.

“Outra hora, *mami*”, diz ele, sonolento. “Por que não assiste seu programa de terror ou faz outra coisa?”

Engulo a decepção. Tem mais de uma semana que a gente não transa. Nico trabalha todo fim de semana e várias noites, mas amanhã ele está de folga, então é um dos raros sábados em que a gente poderia ficar acordado até tarde, se divertindo, se quisesse.

Mas ele não moveu um músculo desde que deitou.

“Tudo bem”, dou o braço a torcer e pego meu laptop. “O último episódio é ‘Crianças que matam’, mas não me lembro se fiz você ver o que passou antes desse, ‘Palhaços que matam’...?”

Nico ronca baixinho.

Que ótimo. É sábado à noite, tem uma festa bombando no primeiro andar, e não são nem dez da noite. Meu namorado gostoso apagou na minha cama e estou prestes a assistir um programa sobre assassinos. Sozinha.

Que sonho essa vida de universitária! U-hu!

Para piorar as coisas, este vai ser o último fim de semana sem estresse que vamos ter em muito tempo. Segunda-feira começa o semestre de outono, e minha grade está lotada. Estou cursando o preparatório para medicina, então preciso ter mais do que notas excelentes nos últimos dois anos na Briar se quiser entrar numa boa faculdade de medicina. Quase não vou ter tempo para ficar com Nico.

Dou uma olhada rápida na pilha de músculos que ronca ao meu lado. Ele não parece incomodado com o nosso iminente afastamento. Mas talvez tenha um motivo pra isso. Estamos namorando desde o oitavo ano. Nosso relacionamento teve seus altos e baixos ao longo dos anos, chegamos a romper algumas vezes, mas sobrevivemos a todos os obstáculos e vamos sobreviver a isto também.

Entro debaixo das cobertas, um feito e tanto, com o corpo de Nico pesando do outro lado do lençol. Coloco o computador no colo e ligo o último episódio do meu programa favorito. Minha vontade é dizer que acompanho essa série só por causa do componente psicológico, mas... quem estou querendo enganar? É um troço doentio, e eu adoro.

A música sombria invade o meu quarto, seguida pela familiar voz monótona do apresentador britânico, dizendo que estou prestes a embarcar em sessenta minutos maravilhosos de crianças que matam.

O fim de semana passa voando. A manhã de segunda-feira chega trazendo a primeira aula do meu terceiro ano, e da disciplina que mais estou empolgada para cursar — Psicologia Anormal. E, o que é melhor, dois dos meus melhores amigos também estão na turma. Eles estão esperando por mim nos degraus de pedra do enorme edifício coberto de hera.

“Uau, tá gostosa hoje, hein!” Pax Ling me abraça, dá um beijo barulhento na minha bochecha e depois belisca minha bunda. Estou de short jeans e blusinha listrada de alcinha, porque a temperatura hoje é de um milhão de graus. Não que eu esteja reclamando que o verão tenha se estendido até setembro. Adoro calor. “Suas pernas estão *demais* nesse short, gata”, Pax fala, em tom de aprovação.

Ao lado dele, TJ Bukowski revira os olhos. Quando apresentei os dois, TJ não gostou muito da personalidade extravagante de Pax. Mas acabou dando o braço a torcer, e agora os dois têm uma relação de amor e ódio muito engraçada.

“Você também está uma delícia”, digo a Pax. “Gostei da camisa.”

Ele levanta a gola da camisa polo verde. “É da Gucci, engole essa. Minha irmã e eu fomos a Boston no final de semana e torramos uma grana. Mas, ei, valeu a pena, né?” Ele dá uma voltinha rápida para exibir a camisa nova.

“Valeu”, concordo.

TJ ajeita as alças da mochila. “Anda, gente, vamos entrar. Melhor não chegar atrasado na primeira aula. Ouvi

dizer que Andrews é uma professora rigorosa.”

Eu dou risada. “Faltam quinze minutos ainda. Não se preocupa.”

“*Thomas Joseph* não se preocupar?”, pergunta Pax. “Esse é o estado-padrão dele.”

Verdade. TJ é uma massa de ansiedade ambulante.

TJ lança um olhar furioso pra gente. Não gosta que brinquem com ele, principalmente quando o assunto é a sua ansiedade, então aperta sua mão com força. “Não fica bravo, meu bem. Adoro esse seu jeito todo preocupado. Assim eu nunca me atraso pra nada.”

Com um leve sorriso, ele aperta minha mão de volta. TJ e eu nos conhecemos no primeiro ano de faculdade, quando morávamos no mesmo alojamento. A pessoa com quem eu dividia o meu quarto era absolutamente insuportável, então o de TJ virou uma espécie de santuário para mim. Ele nem sempre é a pessoa mais fácil de se conviver, mas tem sido um bom amigo desde o primeiro dia.

“Espeeeeera!”

O grito feminino corta o ar da manhã. Viro a cabeça e vejo uma garota baixinha correndo pelo caminho arborizado. Está usando um vestido preto na altura dos joelhos, com uma fileira de grandes botões brancos no meio. Traz um dos braços apontando o céu, sacudindo o que parece um tupperware de comida.

Um cara de cabelos escuros para junto dos degraus. É alto e, mesmo com o casaco grosso e cinzento com o logo

da universidade, posso ver que está em forma. Faz uma cara feia quando percebe que está sendo seguido.

A garota corre na sua direção. Não ouço o que ele diz, mas a resposta dela é alta e clara. Acho que é uma das pessoas mais escandalosas que já vi.

“Fiz seu almoço!” Com um sorriso enorme no rosto, ela apresenta o potinho de comida como se estivesse entregando a ele o Santo Graal.

Ele parece tão aborrecido que é como se na verdade estivesse recebendo um saco de merda de cachorro.

Sério? A namorada do cara faz o almoço dele e não ganha nem um abraço de agradecimento? Babaca.

“Odeio esse cara”, murmura TJ.

“Você conhece?” Não consigo esconder a expressão de dúvida. TJ não costuma andar com atletas, e está na cara que o sujeito em questão é um. Os ombros largos não deixam a menor dúvida.

“É Hunter Davenport”, diz Pax, e reconheço na hora o seu tom de voz. Traduzindo: *Ai, meu Deus, quero essa gostosura todinha pra mim.*

Sem dúvida, o brilho em seus olhos tem um quê de sonhador. “Quem é Hunter Davenport?”, pergunto.

“É do time de hóquei.”

Bingo. Sabia que era atleta. Com aquele corpo... “Nunca ouvi falar”, comento, dando de ombros.

“Não está perdendo nada. É só mais um atleta rico e idiota”, diz TJ.

Arqueio uma sobrancelha. “O que você tem contra o cara?” TJ em geral não fica falando mal de atletas. Nem de ninguém, pra falar a verdade, tirando uma ou outra alfinetada em Pax.

“Nada. Só acho que é um escroto. Peguei o cara transando com uma vagabunda na biblioteca no ano passado. Totalmente vestido, mas com as calças abaixadas e metade da bunda pra fora. Estava com a garota contra a parede numa das salas de estudo.” TJ balança a cabeça de desgosto.

Também fico com nojo, mas principalmente do jeito grosseiro como meu amigo se referiu à menina. “Por favor, não use essa palavra”, repreendo. “Você sabe que não gosto desse negócio de vagabunda.”

TJ se arrepende na hora. “Desculpa, tem razão, não foi legal. De qualquer forma, o vagabundo era o Davenport, nesse contexto.”

“Por que alguém tem que ser o vagabundo?”

“Eu topo ser o vagabundo dele”, diz Pax, distraído. Ele permanece com os olhos grudados no jogador de hóquei de cabelos escuros, que ainda está brigando com a namorada.

A garota continua empurrando o tupperware na mão dele, que insiste em não aceitar. Acho que está dizendo que não vai ter tempo de comer, porque a resposta que ela grita é: “Sempre dá tempo de comer, Hunter! Mas quer saber? Tudo bem. Pode passar fome, se quiser. Desculpa por tentar te alimentar!”

Sorrindo, coloco minhas mãos em volta da boca e grito: “Pega logo o almoço, cara!”.

Davenport vira a cabeça na minha direção. Em seguida faz cara feia.

A garota, por outro lado, sorri para mim. “*Obrigada!*” Ela enfia o potinho na mão dele uma última vez e se afasta. Seus saltos vão batendo com força contra os paralelepípedos que revestem o chão da maior parte do campus, um patrimônio histórico.

Furioso, o jogador de hóquei vem na nossa direção, nos encarando. “Você não tem ideia do que acabou de fazer”, rosna para mim. Sua voz é mais grave do que eu esperava, com um tom rouco bem interessante. Ele me mostra o potinho. “Agora estabelecemos um precedente. Ela vai fazer almoço pra mim o semestre inteiro.”

Reviro os olhos. “Uau, que maldade dela, *tentar te alimentar.*”

Ele começa a se afastar com um suspiro. Mas então detém o passo. “Ah, oi, tudo bem, cara?”, diz para Pax.

Meu amigo abre a boca até o queixo bater nos tênis brancos. Parecem novos também, então acho que não foi só a camisa que ele comprou em Boston.

“Oi”, Pax responde, obviamente confuso por ter sido notado.

“A gente foi da mesma turma de Mídia Alternativa no semestre passado. Seu nome é Jax, né?”

Para minha descrença, Pax faz que sim com a cabeça, feito um idiota.

“Também está na turma de Psicologia Anormal?”

“Tô”, Pax murmura.

“Legal. Bom, te vejo lá dentro.” Davenport dá um tapinha no ombro de Pax antes de subir as escadas em direção à entrada do prédio.

Olho fixamente para o meu amigo, mas ele está ocupado demais, admirando a bunda de Davenport.

“Ei, Jax”, zombo. “Terra para Jax.”

TJ ri.

Pax sai de seu transe. Então me olha, envergonhado. “Ele lembrou de mim, Demi. Não ia corrigir o cara logo depois de *lembrar* de mim.”

“Ele lembrou de Jax!”

“Sou eu! Meu nome é Jax. Agora vivo a vida como Jax. Foi Hunter Davenport quem falou.”

Solto um suspiro e olho para TJ. “Por que somos amigos dele mesmo?”

“Não tenho ideia”, ele responde, com um sorriso. “Anda, Jax, vamos escoltar nossa dama para a aula.”

Entro na sala ensanduichada entre eles, de braço dado com os dois. A maior parte de meus amigos é homem, fato que meu namorado aprendeu a aceitar. No colégio, não gostava muito da ideia, mas Nico nunca foi um namorado controlador, e acho que até gosta de como me dou bem com os amigos dele.

Não me levem a mal, também tenho amigas. Minhas colegas de fraternidade. Pippa e Corinne, com quem vou

jantar hoje à noite. Só que tenho mais amigos homens que mulheres, não sei por quê.

Dentro da sala escura, os meninos e eu encontramos três lugares juntos perto do meio da sala. Vejo Hunter Davenport na fileira à nossa frente, perto do corredor, curvado sobre o telefone.

“Ai, ele é perfeito”, suspira Pax. “Vocês não têm ideia de quantas vezes fantasiei em atraí-lo para o lado negro da força.”

Dou um tapinha no braço do meu amigo. “Talvez um dia. Tenho fé em você.”

A sala fica cheia, mas todos se calam quando a professora entra, às nove em ponto. É uma mulher alta e esbelta, com cabelos curtos, olhos castanhos astutos e óculos de moldura preta e quadrada. Ela nos cumprimenta calorosamente e então se apresenta, explicando quem é e o que vamos ter que aprender este ano.

Estou animada. Meu pai é cirurgião e minha mãe foi enfermeira pediátrica, por isso era inevitável que eu acabasse na área médica. Deve estar nos meus genes. Mas nunca me interessei por cirurgia nem enfermagem. Desde criança me interessei pela *mente*. Distúrbios de personalidade me fascinam. Padrões destrutivos de pensamento e como impactam um indivíduo quando ele interage com o mundo.

A professora Andrews enumera os tópicos específicos que vamos abordar. “Vamos ver como a psicologia

anormal era tratada no passado e como as abordagens modernas evoluíram ao longo dos anos. As avaliações clínicas e o diagnóstico vão desempenhar um papel importante nos nossos estudos. Além disso, acredito em uma abordagem prática do ensino. Isso significa que não vou simplesmente ficar aqui na frente relatando fatos sobre distúrbios de estresse, transtornos de humor, problemas sexuais e por aí vai.”

Eu me inclino para a frente. Já estou empolgada. Gostei desse jeito direto e da forma como ela tenta estabelecer contato visual com todos os alunos. Já vi muito professor que fica lendo de um laptop em tom monótono e nem parece notar que tem outras pessoas na sala.

Ela diz que vamos escrever resumos dos estudos de caso discutidos em sala de aula e fazer algumas provas de múltipla escolha. “As datas das provas estão todas no plano de estudos que vocês receberam por e-mail. Já o projeto de fim de curso vai ser em dupla, e vai ser uma parceria contínua. A data de entrega do trabalho e do estudo de caso será logo antes das férias de fim de ano. Agora, a parte divertida...”

Percebo vários olhares desconfortáveis sendo trocados por toda a sala. Acho que ninguém acredita muito quando um professor fala em “diversão”. Mas não estou preocupada. Tudo o que ela descreveu até agora parece interessante.

“Lembram daquela brincadeira de criança, brincar de médico?” A professora Andrews sorri para a sala. “Esse vai

ser o projeto de pesquisa de vocês. Uma pessoa da dupla vai ser o psicólogo; a outra, o paciente. O primeiro vai receber as ferramentas de diagnóstico para fazer uma avaliação e escrever um estudo de caso detalhado. O segundo vai receber um distúrbio psicológico para pesquisar e, por falta de palavra melhor, encenar para o médico.”

“Adorei”, diz Pax para mim. “Por favor, *por favor*, deixa eu ser o paciente.”

“Por que você acha que vai fazer dupla com a Demi?”, objeta TJ.

“Meninos, tem pra todo mundo.”

Mas Andrews tem uma última pegadinha. “Eu vou escolher as duplas a partir da lista de chamada, em ordem alfabética.” Ela ergue umas folhas de papel. “Quando ouvirem seus nomes, levantem as mãos, para saberem quem é sua dupla. Certo, vamos lá: Ames e Ardin.”

Dois braços se erguem. Uma garota de cabelo roxo brilhante e outra com um boné dos Patriots.

“Axelrod e Bailey.”

Deve ter uns cem alunos na turma, mas Andrews é eficiente. Ela passa depressa pelos nomes, e logo chegamos à letra D.

“Davenport e Davis.”

Levanto a mão junto com Hunter. Ele me olha e curva os lábios num meio sorriso.

Ao meu lado, TJ solta um suspiro infeliz. Ele se inclina e sussurra: “Quer que eu mude legalmente meu

sobrenome para Davidson para te salvar do idiota do hóquei?”

Sorrio para ele. “Não esquenta, vou sobreviver.”

“Gray e Guthrie”, anuncia Andrews.

“Tem certeza?”, insiste TJ. “Aposto que você poderia trocar de dupla se dissesse alguma coisa.”

“Killington e Ladde.”

“Tá tudo bem, querido. Nem conheço o cara”, digo. “Você é que não gosta dele.”

“Mas eu amo”, lamenta Pax. “Daria *tudo* pra brincar de médico com ele.”

Mas então Andrews chama “Lawson e Ling”, e Pax se anima quando sua dupla levanta a mão. É um cara de cabelos castanhos ondulados e um queixo maravilhoso.

“Ele serve”, murmura Pax, e engulo uma risada.

“Esses envelopes”, anuncia Andrews, apontando para uma pilha de envelopes de papel pardo em sua mesa, “contêm instruções detalhadas sobre o trabalho. Tem um para cada dupla, basta um de vocês pegar quando acabar a aula. Vocês decidem entre si quem assume qual papel.”

Hunter se vira e faz uma arminha com a mão, apontando para mim. Acho que quer dizer que é pra eu pegar o envelope.

Reviro os olhos. Já entendi tudo, ele vai deixar o trabalho todo comigo.

Uma vez que as duplas estão formadas, Andrews dá início à aula, e faço tantas anotações que meu pulso começa a doer. Merda, preciso trazer o computador na

aula que vem. Em geral, prefiro escrever à mão, mas a quantidade de informação é imensa, e ela cobre muita coisa em pouquíssimo tempo.

Depois que somos dispensados, vou até a mesa dela para pegar um envelope pardo. É pesado. Talvez algumas pessoas se assustem com isso, mas estou empolgada com o trabalho. Parece divertido e abrangente, ainda que minha dupla seja um atleta.

Por falar no atleta, ele caminha na minha direção, trazendo a mochila num dos ombros largos. “Davis”, me cumprimenta.

“Davenport.”

“Pode me chamar de Hunter.” Ele me examina da cabeça aos pés, demorando-se um pouco mais que o necessário nas minhas longas pernas nuas, ainda bronzeadas do verão em Miami.

“Sou Demi.” Noto TJ e Pax em pé perto da porta, esperando por mim.

“Demi...”, ele repete, distraído. Ainda está checando minhas pernas, e engole em seco visivelmente antes de forçar os olhos de volta para os meus.

“Sim, esse é o meu nome.” Por que ele está mudando de posição assim? Estreito os olhos na direção da virilha dele. Aquilo é uma *semiereção*?

“Demi”, diz ele.

“Ã-ham. Rima com semi.” Lanço um olhar mordaz para sua virilha.

Hunter olha para baixo. Então ri. “Pelo amor de Deus, não é o que você tá pensando. É só a minha calça.”

“Ah, claro.”

Ele leva a mão grande até o zíper e cobre a região com a palma, e o volume de fato diminui um pouco. “Jeans novo”, resmunga. “Tá meio duro ainda.”

“Duro, é?”

“É o tecido. Tá vendo? Toca aqui.”

Deixo escapar uma risada. “Ai, meu Deus, não vou pôr a mão no seu pau.”

“Não sabe o que está perdendo.” Hunter sorri.

“Vou deixar passar.” Levanto o envelope. “Então, quando a gente pode se encontrar pra dar uma olhada nisso aqui?”

“Não sei. Tá livre hoje à noite?”

Balanço negativamente a cabeça. “Não. Que tal amanhã?”

“Pode ser, vou estar na área. Quando e onde?”

“Oito horas na casa da Theta Beta Nu?”

“É sério? Não achei que você fosse de uma fraternidade.”

Dou de ombros. “Bem, eu sou.”

Verdade seja dita, só entrei para a fraternidade porque não queria morar no alojamento. Além do mais, minha mãe foi da Theta na faculdade, e cresci ouvindo sobre como seus dias de fraternidade foram os melhores de sua vida. Ela era a alegria da festa naquela época, e ainda é.

“Combinado. Te vejo amanhã à noite, Semi”, diz ele, antes de sair.

HUNTER

“Ai. Que saudade desses peitos.”

“Eles também estão com saudade...”

“Ah é? Saudade do quê?”

“Da sua língua, com certeza.”

“Humm. Deixa eu ver, gostosa. Só uma olhadinha.”

“E se um dos seus colegas entrar?”

“Ele vai morrer de inveja, porque estou namorando a mulher mais sexy do mundo.”

“Tá bom, eu mostro. Mas só se você me mostrar o seu pau.”

“Combinado. Você primeiro... ah, delícia... espera, melhor esconder essas lindezas... E se o Hunter entrar? Você disse que ele estava em casa.”

“Ah, não esquenta. Hunter virou monge agora. Ver meus peitos não vai ter o menor impacto.”

Na cozinha, finalmente solto o rosnado preso na garganta. *Achei* que fosse descer e jantar antes da reunião com Demi Davis. Em vez disso, passei os últimos cinco minutos ouvindo a sessão de Skype mais nauseante do mundo.

“Eu virei um monge”, grito, da porta. “E não um eunuco, porra!”

Entro na sala sem dar tempo para Brenna se cobrir. Ela não merece essa consideração. Como recompensa por ter que aturar o sexo online de Brenna e Jake Connelly, mereço ver uns peitos que não sejam de vídeo pornô.

Mas Brenna já está vestindo a camiseta, então tenho que me contentar com um rápido vislumbre provocante de mamilos marrom-avermelhados.

“Chega pra lá, sua demônia.” Sento no sofá ao seu lado e enfio uma garfada de arroz selvagem na boca. Dou uma olhada para o laptop na mesinha de centro. “Oi, Connelly. Belo pau.”

O cara na tela do computador solta um palavrão. Ele volta os olhos para a mão direita, como se só então tivesse se dado conta de que estava segurando uma ereção bem impressionante. Depois de um borrão na imagem e do som de um zíper se fechando, Jake Connelly me encara com olhos verdes intensos.

“Espionando a gente, Davenport?”

Engulo minha comida. “É espionagem quando você tá pelado no Skype, na minha sala de estar?”

“*Nossa* sala de estar”, Brenna diz com toda a doçura, estendendo a mão para me dar um tapinha no ombro.

Certo, como se eu pudesse esquecer. Outros caras talvez adorariam dividir uma casa com três garotas, mas não é o que considero um arranjo ideal para a vida. Gosto de Brenna, de Summer e de Rupi individualmente, mas, quando as três se juntam, o mundo vira um lugar...

barulhento. Isso sem contar que elas vivem se unindo contra mim.

Tecnicamente, meus antigos colegas de república, Mike Hollis e Colin Fitzgerald, também moram aqui ainda, mas eles quase não param em casa.

Hollis só aparece nos fins de semana — passa os outros dias com os pais, em New Hampshire, por causa do trabalho.

Fitz é designer de games e tem pegado muito trabalho freelancer desde que se formou na Briar. Às vezes, isso significa viajar para a sede da desenvolvedora. Neste momento, está em Nova York, trabalhando num jogo de ficção científica, e enquanto isso está ficando na cobertura da família de Summer em Manhattan. Sortudo. A família Heyward-Di Laurentis é podre de rica, então ele está sentado no luxo.

“Connelly, vambora. O carro está esperando a gente lá embaixo”, outra voz berra no alto-falante do laptop. “A foto para a caridade é hoje à noite.”

Jake olha por cima do ombro. “Ah, merda, tinha esquecido disso.”

“O que você está fazendo... ah, oi, Brenna!” Uma cara enorme aparece tão perto da tela que dá pra ver os pelinhos do nariz.

Quando o sujeito se afasta, experimento um raro momento de empolgação infantil, porque, minha nossa, é Theo Nilsson, um dos melhores jogadores do time de Edmonton. Não acredito que Nilsson acabou de dar um

pulinho casual no quarto de hotel de Jake, e a pontada de inveja diante da ideia de que ele está mesmo por aí jogando hóquei com algumas lendas do esporte é irrefreável.

Quando era criança, eu sonhava em jogar profissionalmente, mas, à medida que fui envelhecendo, percebi que talvez não fosse o melhor caminho para mim. Esse estilo de vida me assusta, pra ser sincero. Então não me inscrevi no *draft* de propósito. Nem tinha planejado jogar na faculdade. Vim para a Briar pra me formar em administração de empresas e virar empreendedor. Mas um amigo e colega de time que se formou há uns dois anos me convenceu a abrir mão da aposentadoria autoimposta, e agora estou aqui.

“Tenho que ir, gata”, Jake diz a Brenna.

“Divirta-se tirando foto com todas aquelas marias-patins sedentas”, provoca ela.

Nilsson dá uma gargalhada. “É um evento de caridade numa organização de curling para idosos”, revela o colega de time de Jake.

Ela não se dá por vencida. “Você já viu o Jake?”, Brenna pergunta a Theo. “Aquelas coroas vão ficar doidas por ele. Marias-patins transcendem a idade.”

Brenna desliga, e enfio um pedaço de frango grelhado na boca. “Não acredito que era Theo Nilsson”, digo, mastigando.

“Pois é, ele é muito legal. Jantamos com ele na semana passada, quando jogaram com os Bruins.”

“Não precisa humilhar, vai.”

Brenna franze os lábios vermelhos — sua marca registrada — num sorriso gentil. Mesmo quando está sozinha em casa, se dá o trabalho de passar um batom do estilo “me coma”. Ela é cruel. “Se você se comportar, da próxima vez eu te chamo.”

“Eu sempre me comporto”, protesto. “Pergunta pro meu pau... o coitado quer que eu saia da linha, mas não dou o braço a torcer.”

Ela ri. “Acho que todo esse tesão reprimido não faz bem à saúde. E se as suas bolas explodirem e você morrer?”

Penso um pouco a respeito. “Talvez seja como mil orgasmos acumulados numa explosão, e quem iria querer continuar vivendo depois disso? Acho que, depois de uma explosão de mil orgasmos, todo o resto vai ser uma decepção.”

“É um bom argumento.” Os olhos escuros de Brenna me acompanham quando me levanto e vou para a cozinha lavar o prato.

“Tenho que ir”, aviso a ela, da porta da cozinha. “Até mais.”

“Vai aonde?”

“Estudar na casa Theta.”

“Rá! Esse voto de celibato já era.”

“Não. O voto continua intacto. É só um trabalho em dupla que tenho que fazer com uma garota de lá.”

“Um trabalho em dupla”, ela zomba.

“É, um trabalho. O mundo não gira em torno de sexo, Bee.”

“Claro que gira.” Ela lambe os lábios com lascívia, e minha boca formiga em resposta. O mesmo acontece com meu pênis.

Ela tem razão. Sexo é tudo e está em todo lugar. Uma mulher não pode nem lambe os lábios sem meu cérebro ser jogado na sarjeta sexual.

Até hoje, só encontrei uma solução para controlar a libido: maconha. E nem *isso* posso usar tanto quanto gostaria, a não ser por um baseado ou outro numa festinha. A maconha me acalma e reprime meus impulsos carnis, mas também me deixa cansado e lento nos treinos. E de jeito nenhum que vou desafiar os deuses dos exames antidoping da Associação Nacional. Então, como sexo, é só mais uma atividade divertida que evito. Minha vida é demais.

“Enfim, vou jogar sinuca com alguns dos caras no Malone’s depois. Vou chegar tarde.”

“Nem pra me chamar!” Ela faz um beicinho de zombaria.

“Não”, respondo e não me sinto nem um pouco culpado por isso. Moro na terra do estrogênio, e às vezes preciso escapar, mesmo que só por uma noite. “Mulher não entra. Já tem mulher demais nesta casa.”

“Ah, mas você adora. Todo dia, Rupi faz seu almoço, Summer prepara seu café da manhã, e eu estou sempre

andando de calcinha pela casa. Comida e material para o seu banco de esperma, Davenport. Sua vida é um sonho.”

“Um sonho seria se eu transasse com vocês todas as noites. Ao mesmo tempo.”

“Rá! Vai sonhando mesmo. Divirta-se com o seu...”, Brenna desenha aspas no ar, “trabalho em dupla.”

Mostro o dedo do meio pra ela antes de sair e quinze minutos depois estou de volta ao campus, estacionando o Land Rover na rua arborizada das casas de fraternidade. É terça-feira à noite, e o lugar está surpreendentemente tranquilo. Em geral, sempre tem alguma festa ou evento noturno acontecendo na rua, mas esta noite só ouço o som fraco de música tocando em algumas das casas.

Subo o caminho florido que leva à porta da casa Theta. Quase todas as janelas do casarão de três andares estão acesas. Toco a campainha, e uma garota alta e magra de moletom aparece.

Ela arqueia uma sobrancelha. “Pois não?”

“Demi está?” Levanto o ombro em que estou carregando a mochila. “Combinamos de estudar.”

A colega de Demi dá de ombros, vira a cabeça e grita: “Demi! Visita!”

Entro na casa, que passou por uma reforma drástica desde que estive aqui no fim de semana. O lugar está brilhando de limpo, cheirando a desinfetante de limão, e não vejo garotas seminuas, nem caras bêbados ou poças de cerveja no piso de madeira.

Ouço passos na escada de madeira, e a garota da aula de psicologia desce os degraus, com um pirulito no canto da boca. Na mesma hora, me concentro em seus lábios, que estão brilhando, tingidos com o vermelho do doce que ela está chupando. Seu cabelo escuro está preso num rabo de cavalo alto, e ela está de calça xadrez e uma blusa branca fina sobre um sutiã esportivo preto.

É muito bonita, e tenho que fazer força para parar de encará-la.

“Oi”, Demi cumprimenta, me observando demoradamente.

“Mel, quem era na campainha?”, alguém grita.

Há um burburinho e meia dúzia de garotas saem da cozinha e aparecem no corredor. Todas param abruptamente quando me notam. Uma delas me despe abertamente com os olhos; já as outras são um pouco mais discretas.

“Hunter Davenport”, diz a mais atrevida. “Nossa, você é ainda mais bonito de perto.”

Em geral, não sou tímido nem bobo com mulheres, mas estão todas ali me avaliando, e isso é desconcertante. “Que tal você me passar o seu telefone?”, murmuro para Demi.

“E por que eu faria isso?”

“Pra eu poder mandar uma mensagem da próxima vez avisando que estou aqui, e você vir me buscar na surdina, e a gente poder evitar tudo... isso...” Faço um gesto para a nossa plateia.

“Qual é o problema? Fica intimidado com algumas garotas?” Revirando os olhos, Demi me leva em direção à escada.

“Não.” Dou uma piscadinha. “Estou preocupado com você.”

“Comigo?”

“É, pois é. Se eu continuar vindo te encontrar aqui, suas colegas vão ficar morrendo de inveja e, por causa do ressentimento, elas vão acabar te tratando mal, e você vai perder todas as suas amigas. É isso que você quer, Semi?”

Ela ri. “Ah não! Tem razão. A partir de agora, melhor você entrar pela janela. Igual Romeu.” Ela desloca o pirulito para o outro canto da boca com a língua. “Só um *spoiler*: Romeu morre no final.”

Demi me leva para um quarto no segundo andar e fecha a porta.

Examino o quarto. As paredes são amarelas, e a cama é uma daquelas com quatro colunas que parecem que deveriam ter um dossel ondulado, mas não têm. A colcha é roxa, e tem um panda de pelúcia num dos travesseiros.

A mesa está cheia de livros didáticos. Química, biologia e um de matemática com um título ilegível. Arqueio as sobancelhas. Se ela está estudando tudo isso num semestre, tem uma carga horária intensa, e não a invejo por isso.

Mas meu olhar está mais interessado no grande quadro de cortiça sobre a mesa. Está praticamente transbordando de fotos, e me aproximo para dar uma olhada. Humm,

tem um monte de homens nessas fotos. Algumas meninas também, mas as amigadas de Demi parecem ser em sua maior parte do sexo masculino. Em várias fotos ela aparece com o mesmo cara de cabelo preto. Namorado?

“Então, como a gente vai fazer?”, pergunto, largando a mochila na cadeira.

“Bem, Andrews disse pra gente tratar esses encontros como sessões de terapia de verdade.”

“Certo.” Levanto as sobrancelhas algumas vezes. “Pronta pra brincar de médico?”

“Eca. Tô fora de brincadeiras com você, menino do hóquei.”

“*Homem* do hóquei, por favor.”

“Tá legal, homem do hóquei.” Demi vasculha sua bolsa e puxa o envelope pardo que recebemos ontem na aula. Ela senta na beirada da cama com os papéis no colo. “Certo, pensei que você podia ser o paciente, e eu, a médica. Assim você fica com a parte mais fácil da dissertação.”

Franzo a testa. “E por que você acha que preciso ficar com a parte fácil?”

“Ah, desculpa, não quis insultar sua inteligência”, diz ela, parecendo sincera. “Mas um amigo me disse que você tá cursando administração de empresas.”

“E daí?”

“E daí que eu sou a aluna de psicologia da dupla, e acho que escrever o estudo de caso e fazer o diagnóstico seria mais útil pra mim do que pra você, já que quero trabalhar

com isso. Mas se você não quiser mesmo fazer a pesquisa sobre a doença, a gente pode tirar no palitinho.”

Penso por um momento. Demi tem razão sobre a questão da formação dela. E não me importo de fazer a pesquisa. “Tranquilo, por mim tanto faz. Posso ser o paciente.”

“Perfeito. Combinado.”

“Tá vendo como a gente trabalha bem junto?” Meu olhar se volta para o pequeno sofá debaixo da janela. “Legal, parece um consultório de psiquiatra de verdade.” Caminho até o móvel e afundo nele meu corpo grande demais, estendendo as pernas por cima do descanso de braço. Então levo a mão até o zíper. “Com roupa ou sem?”

DEMI

Dou uma gargalhada diante da falta de cabimento da pergunta. “Com roupa, pelo amor de Deus.”

“Tem certeza?”, insiste Hunter, posicionando os dedos sobre o botão da calça jeans.

“Absoluta.”

“Azar o seu.” Ele dá uma piscadinha e leva as mãos atrás da cabeça.

Davenport é divertido, tenho de dar o braço a torcer. É muito mais atraente do que deveria. Minhas colegas de fraternidade deixaram poças de baba no chão quando ele passou por elas lá embaixo. A maioria delas é louca por atletas, então provavelmente vão invadir meu quarto, implorando por detalhes, assim que ele for embora.

Ele se espicha todo no meu sofazinho e tira os sapatos. Está usando um jeans rasgado no joelho, uma camiseta preta e um moletom cinza aberto. É musculoso, mas não chega a ser grandalhão, tem um ótimo corpo e um rosto de parar o coração. E, quando me lança um sorriso arrogante, fico horrorizada ao sentir um calor em minhas bochechas. Esse sorriso é perigoso. Não admira que Pax seja obcecado pelo cara.

Abro o envelope pardo e tiro um pacote grampeado com as instruções do trabalho e mais dois envelopes. Um deles tem a palavra “TERAPEUTA” anotada, e o outro, “PACIENTE”.

“Aqui.” Jogo o envelope do paciente no sofá. Hunter pega sem qualquer dificuldade.

Dentro do meu, encontro uma pilha de papéis e folheio. São folhas em branco que devo usar para minhas “anotações de sessão”. Dou uma olhada nas instruções. Precisamos registrar no mínimo oito sessões, mas podemos fazer quantas quisermos. Aparentemente, minhas anotações serão incluídas no apêndice do estudo de caso que tenho de escrever. Meu envelope também inclui ferramentas de diagnóstico e folhas com dicas.

Do sofá, Hunter ri baixinho. Ergo os olhos para ele e o vejo folheando os papéis. Sua pilha não é tão grande quanto a minha, provavelmente porque sua parte do projeto envolve mais pesquisa.

“Acho que a gente devia ter dividido os papéis na aula”, comento ao me dar conta disso. “Não sei se rola fazer uma sessão antes de você dar uma pesquisada no seu falso distúrbio.”

Mas Hunter se limita a dar de ombros. Ele avalia os papéis mais uma vez, e um tom irônico permeia sua voz. “Tá tranquilo. Sei o suficiente pra improvisar, pelo menos nesta primeira conversa.”

“Tem certeza?”

“Tenho.” Ele coloca os papéis de volta no envelope e o guarda na mochila. Então se acomoda no sofá de novo. “Beleza, pode começar.”

De acordo com as instruções de Andrews, não tenho permissão para gravar a sessão. Mas confio em minhas habilidades de anotação. Mastigo o finalzinho do pirulito, engulo o doce e jogo o palito na lixeira.

Uma vez que estamos os dois acomodados, começamos pelas formalidades. “Então, senhor...?” Espero que ele complete com seu nome falso.

“Sexy.”

“Não. Você pode fazer melhor que isso.”

“Big”, ele tenta de novo.

Solto um suspiro. “Smith”, digo, com firmeza. “Você é o sr. Smith. Primeiro nome, hã, Damien.”

“Igual o garoto demônio do filme de terror? Não. É muito carma negativo.”

“*Você é um carma negativo*”, murmuro. Meu Deus, uma eternidade só pra decidir um nome falso. Neste ritmo, o trabalho não vai acabar nunca. “Tá legal, seu primeiro nome é Richard; apelido, Dick, o insuportável.”

Ele dá uma risada.

“Prazer em conhecê-lo, Dick Smith”, digo, educada. “Sou a dra. Davis. O que posso fazer por você?”

Eu meio que espero outra piada obscena, algo sobre esse Dick precisar de carinho. Mas ele me surpreende. “Minha mulher acha que preciso de terapia.”

Arregalo os olhos. Humm, foi direto ao ponto. Gostei. “Ah é?... E por que ela acha isso?”

“Falando sério? Não sei. *Ela* é que precisa de terapia. Está sempre perdendo a cabeça por causa de alguma coisa.”

Anoto a expressão que ele usou. “O que quer dizer com isso, perdendo a cabeça?”

“Ela pensa demais em tudo. Só sabe reclamar. Por exemplo, se eu chego em casa atrasado do trabalho, o cérebro dela logo conclui ‘tá me traindo’.” Hunter faz uma pausa, irritado. “Acho que, já que é pra falar tudo, então tenho que dizer que já traí minha mulher uma ou duas vezes e, sim, ela sabe disso.”

Uau, parece coisa de novela. Já embarquei completamente.

“Certo... essa traição que você mencionou.” Faço mais algumas anotações. “Há quanto tempo isso aconteceu? E foi só uma ou duas vezes mesmo?”

“O primeiro caso foi anos atrás, o mais recente, este ano. Estava sofrendo muito estresse no trabalho.”

Percebo que ele ignorou minha pergunta sobre quantas vezes realmente traiu a esposa.

“Por que acha que fez isso? Tem alguma razão específica que se destaca?”

“É difícil se sentir conectado a alguém que só reclama e faz exigências. *Ela* que me levou a pular a cerca. Quer dizer, o que ela achava que ia acontecer, me tratando daquele jeito?”

Eca, que babaca. Ele considera a *esposa* responsável pela *sua* traição...

Interrompo o raciocínio, lembrando a mim mesma que não devo julgar. Minha função é tentar entender.

Se eu trabalhar com psicologia clínica, certamente vou acabar ouvindo milhares de histórias sórdidas de infidelidade. Talvez precise tratar alguém que abusa física ou emocionalmente do parceiro. É muito provável que encontre pacientes que desprezo ou que talvez não consiga ajudar.

Meu trabalho não é condená-los, e sim tentar ajudá-los a desenvolver seu autoconhecimento.

“Então, quando contou pra ela dos casos, você e sua esposa concordaram em começar de novo? Tentar mais uma vez?”

Hunter assente. “Ela aceitou a responsabilidade que teve no que aconteceu e concordou em me perdoar. Isso significa que ficou pra trás, é passado. Ficar suspeitando de mim o tempo todo não me faz querer ficar com ela. Vai por mim, não é fácil conviver com alguém assim.”

“Imagino que não mesmo. Mas você tem alguma ideia do motivo por que ela pode estar se comportando assim? Tente se colocar na posição dela. Como acha que reagiria se sua esposa fosse infiel?”

“Ela nunca me trairia”, diz ele, presunçoso. “Tirou a sorte grande comigo. Sou muita areia pro caminhãozinho dela.”

Você é nojento, sinto vontade de falar. Em vez disso, digo: “Entendo”.

E agora percebo por que os terapeutas parecem se apegar a essa palavra. É uma forma de dar vazão aos palavrões em sua cabeça.

Hunter e eu conversamos mais uns vinte minutos sobre sua esposa fictícia, a encheção de saco dela e a infidelidade dele, e começo a perceber uma tendência em suas respostas. Uma total incapacidade de se colocar no lugar da outra pessoa.

Falta de empatia, escrevo e envolvo as palavras com uma estrela.

Ele termina de contar mais uma longa história retratando a esposa como vilã e ele, uma vítima inocente, e fico impressionada com o fato de ter mesmo mergulhado de cabeça no trabalho. E está se saindo *tão* bem que chega a ser... ai, sensual pra burro, pra falar a verdade.

Estou prestes a fazer mais uma pergunta, mas Hunter se senta. “Melhor parar. Esgotei oficialmente todo o meu conhecimento sobre... meu distúrbio”, ele diz, sendo vago. “Tenho que pesquisar mais antes de continuar conversando.”

“Foi divertido”, admito. “Não achou?”

“É, até que foi.” Ele levanta do sofá e estica os braços musculosos acima da cabeça, se espreguiçando. Sua camiseta sobe com o movimento, revelando um abdome de aço.

Meu queixo cai. “Meu Deus. Isso é tão injusto.”

“O quê?” Hunter franze a testa.

“Você já viu esse abdome? Quem tem músculos assim?”

A expressão de dúvida dá lugar a um sorriso presunçoso. “Sou jogador de hóquei. Cada centímetro do meu corpo é assim.”

Mais uma vez minhas bochechas ficam quentes. Estou tentando não imaginar como é o resto do seu corpo sob suas roupas, mas tenho a sensação de que ele não está exagerando. É um físico de outro mundo.

Vejo a tela do meu telefone acender na mesa de cabeceira e levanto para conferir quem é. Deixei no mudo, e Nico mandou duas mensagens na última hora. Uma há trinta minutos e outra agora.

NICO: *Oi, gata, não vou poder dormir aí hj. O carro pifou depois do trabalho. Problema na bateria, acho. Vou rebocar até a oficina em Hastings e buscar de manhã antes da aula.*

NICO: *Tá brava? :* (

Digito uma resposta rápida.

EU: *Brava não, amor. Só um pouco decepcionada.*

“Tudo bem?”, pergunta Hunter, fechando o zíper da blusa.

Dou de ombros. “Meu namorado me deu bolo. Ele vinha passar a noite aqui, mas a bateria do carro arriou. Acho que tem que trocar ou coisa do tipo.”

“Que pena. Até chamaria você pra jogar sinuca com

meus amigos esta noite, mas preciso dar um tempo nas garotas.”

“Ah é, toda essa atenção feminina deve ser uma tortura.” Penso na mocinha bonita de ontem, a que se esforçou para fazer o almoço dele e foi completamente rechaçada. “Vamos lá, vou te levar lá embaixo.”

Mas, antes que eu chegue até a porta, Nico me liga. “Ai, vou ter que atender”, digo, enquanto saímos do quarto.

Não tenho escolha, porque sempre que perco uma chamada ou uma mensagem de Nico, ele parece fazer questão de não me atender quando ligo de volta, mesmo que seja meio segundo depois. Não entendo. Um monte de gente faz isso. Como podem não estar disponíveis cinco segundos depois de entrarem em contato? É como se mandassem a mensagem e jogassem o celular no rio.

“Oi”, digo, apressada. “Tudo bem?”

“Só queria ver como você tá”, responde Nico. “Vou tomar banho daqui a pouco e provavelmente dormir cedo.”

“Por quê? Ah é, pra buscar o carro amanhã.”

“O carro?”

“Que você mandou rebocar até a oficina...”, lembro. De canto de olho, noto Hunter ouvindo, curioso. Peço que ande mais rápido enquanto descemos as escadas.

“Ah, não, Steve me ajudou. Ele tinha uns cabos no caminhão.”

“Espera, então você conseguiu dar partida no carro?”
Então por que não veio pra cá?, quero perguntar, mas me

forço a não falar nada.

“É, consegui. Mas não quero dirigir de novo hoje e correr o risco de ficar sem bateria de novo”, explica Nico, como se estivesse lendo a minha mente. “Vou levar no mecânico de manhã. Mas te vejo amanhã à noite, tá bom?”

“Tá.”

“Te amo, *mami*.”

“Também te amo.”

Estou franzindo a testa quando Hunter e eu chegamos à porta da frente. “O namorado?”, pergunta ele.

Faço que sim com um aceno de leve. “Parece que ele ligou o carro usando cabo de bateria, mas ainda está arriada. Não sei direito. Não entendo muito de carro.”

“Parece lorota”, comenta Hunter. “Usar a velha desculpa de que o carro quebrou pra não ter que encontrar alguém.”

“Ah, é?”, questiono. “Você costuma mentir que o carro quebrou pra se livrar de um encontro?”

“Se eu costumo fazer isso? Não. Se já fiz? Já.”

Olho feio para ele. “Bem, nem todo mundo é mentiroso que nem você.”

Ele não se ofende. Apenas sorri. “Foi mal. Não queria tocar num ponto fraco.”

“Não tocou.”

“Ã-ham. Enfim, os meninos estão me esperando. Até mais tarde, Semi.”

Praticamente o enxoto pela porta da frente. Se eu me livrar dele quanto antes, essa sementinha de dúvida que conseguiu plantar em mim não cria raízes.

HUNTER

Sou o primeiro a aparecer na reunião de quinta à tarde do time. Nunca fui de chegar cedo nessas coisas, mas, agora que sou o capitão, quero dar o exemplo, então aqui estou, sozinho na sala de mídia.

As instalações de hóquei da Briar são de primeira linha, o sistema de vídeo é animal. É uma sala grande, uma espécie de auditório, com três fileiras de mesas com poltronas acolchoadas imensas e um telão gigante para assistir os vídeos dos jogos. Passamos a semana toda estudando o time do Eastwood College. Eles são nossos rivais na liga universitária, e vamos enfrentá-los amanhã, no primeiro jogo oficial da temporada.

Não estou muito preocupado. O Eastwood não está com uma equipe particularmente forte este ano, mas nós estamos. Mesmo sem Fitzy, Hollis e Nate Rhodes, nosso time ainda tem uma formação sólida. Eu, Matty, um goleiro excelente e alguns calouros recrutados pelo treinador Jensen que estavam entre os melhores jogadores de ensino médio do país.

Depois que o time me escolheu para substituir Nate, o antigo capitão, liguei pedindo dicas sobre como manter o moral, como motivar os caras, enfim, sobre como ser um

líder, mas ele não falou muita coisa. Disse que a dinâmica muda todo ano com a saída dos jogadores mais velhos e a entrada dos mais novos, e que eu ia aprender com o tempo. É mais uma questão de lidar com trinta egos e manter todo mundo animado e concentrado na missão: vencer.

Por falar em jogadores novos, nesta temporada temos um monte. No final de agosto, fizemos testes para alunos que jogam hóquei mas que não foram recrutados para jogar pela universidade, ou para qualquer um que simplesmente quisesse tentar uma vaga no time. Um dos meus novos companheiros de time preferidos veio dessa seleção: Conor Edwards, que entra na sala assim que me acomodo numa poltrona na primeira fila.

Con se acha o pegador, mas não é tão babaca quanto seria de se esperar. É na verdade um cara bem decente, com um senso de humor sarcástico que me agrada.

“E aí, capitão?”, diz, antes de abrir um bocejo imenso. Ele passa a mão preguiçosa pelos cabelos louros desbotados de sol, chamando minha atenção para o chupão roxo no pescoço.

Ele me lembra Dean, o irmão mais velho de minha colega de república Summer e um grande amigo (e antigo mentor). Dean era descaradamente tarado quando estudava na Briar. Não ligava a mínima que todo mundo soubesse que ele pegava geral. E nem por isso ficou com a reputação manchada, porque toda garota que o conhecia queria ir pra cama com ele. Mas só Allie, sua namorada,

conseguiu roubar seu coração. Faz dois anos que eles moram juntos em Nova York.

Conor senta ao meu lado. Uns jogadores do quarto ano entram e sentam na última fila. “E aí?”, eles nos cumprimentam.

Respondemos com um aceno de cabeça.

Matt Anderson é quem entra em seguida. Com a saída de Fitz e Hollis, acho que Matty é meu melhor amigo no time agora. É o único negro do elenco, foi draftado para jogar em Los Angeles no ano passado. Espero que feche contrato com eles, porque é um bom time pra jogar.

“Oi”, diz Matt.

A sala começa a encher. Temos uns vinte e pouco titulares, e os outros jogadores são banco e caras que ainda precisam treinar muito. E, apesar de Mike Hollis já ter se formado, todo time sempre tem o seu Hollis. O idiota de quem todo mundo gosta, como diz Brenna. Essa honra neste ano é de um aluno do segundo ano chamado Aaron, mas que todo mundo só chama de Bucky, porque ele parece o personagem dos filmes da Marvel.

Bucky odeia o apelido, mas o problema com esse negócio de apelido é que eles pegam — querendo ou não. Basta perguntar ao nosso ala esquerdo, aluno do último ano, Treeface, que às vezes a gente chama só de Tree ou T, e que uma vez há quatro anos ficou bêbado e ficou se lamentando como é triste o fato de as árvores não terem cara e não poderem ver os passarinhos que fazem ninho

nelas. Tenho quase certeza de que foi John Logan que botou o apelido nele.

Comendo um bolinho integral que provavelmente pegou na cozinha do time, Bucky se aproxima da primeira fila. “Falou com o treinador?”, pergunta, enquanto mastiga com a boca aberta.

Me faço de bobo. “Falar o quê?”

“Do porco, cara.”

“O porco”, repete Jesse Wilkes, um aluno do terceiro ano. Ele estava no telefone, mas agora está prestando atenção na nossa conversa.

Merda. Estava torcendo para o assunto ser esquecido.

“Não, ainda não.” *E não pretendo fazer isso*, quero acrescentar, mas ainda não encontrei uma maneira de me livrar dessa.

Os caras estão insistindo que precisamos de um mascote para o time, embora eu pessoalmente não veja motivo pra isso. Quer dizer, se a gente fosse capaz de amarrar um par de patins num urso-polar e botar o bicho pra dar umas piruetas no gelo entre um período e outro do jogo, então beleza. Manda ver.

Fora isso, quem se importa?

O treinador chega e me poupa de ter que dar atenção ao pedido dos meus colegas de time. Ele entra e bate palmas escandalosamente. “Não vamos perder tempo”, ruge. “Olhos na tela.”

Chad Jensen é do tipo durão — não mede palavras nem faz nossas vontades. Quando estamos na arena, temos que

nos dedicar ao máximo ou cair fora.

“Prestem atenção em Kriska nesta primeira jogada”, avisa nosso treinador assim que um vídeo em alta definição aparece no telão. Sentado à sua mesa, ele usa uma caneta eletrônica para circular o goleiro do Eastwood, Johan Kriska.

Parece que o tal calouro é um dos melhores goleiros do hóquei universitário na Costa Leste. Andei estudando os poucos jogos do time dele da época de colégio que passaram na televisão, e também todos os amistosos que o Eastwood jogou este ano. Preciso estar preparado para enfrentar o garoto. Não quero contar vantagem, não, mas sou o melhor atacante do time. E, sem dúvida, a julgar pelos números da última temporada, o que mais participou de jogadas que terminaram em gol. Nate e eu empatamos em número de gols, mas eu fiz várias assistências para o meu ex-capitão. Acho que esse é outro requisito para ser capitão: *não fique com toda a glória só pra você.*

Aos poucos, estou compilando uma lista de coisas que um capitão deve ou não deve fazer.

Apesar da reputação de astro do time, não estou muito preocupado com Kriska. Já identifiquei uma fraqueza. “Ele tem o braço lento”, observo. “O garoto tem problema com tacadas altas. Deve pegar só uns trinta por cento, se é que chega a tanto.”

“Exatamente”, confirma o treinador. “Por isso estamos fazendo esses treinos de finalização esta semana. Mas

tenho certeza de que eles estão se preparando com a mesma intensidade, e Kriska conhece as próprias fraquezas. Amanhã quero ver um monte de tiros rasteiros no gol. Ele vai querer compensar o braço lento, e estará tão concentrado nas tacadas altas que vai acabar engolindo algum frango entre as pernas.”

“Boa.”

Continuamos assistindo o vídeo. Kriska faz uma das melhores defesas que já vi, e alguém assobia.

“Vejam só isso”, diz o treinador, pausando o jogo. “O garoto não demonstra o menor desespero no rosto. Voltou à posição pra rebater o disco com o taco depois de ser completamente massacrado por essas finalizações, mas na maior tranquilidade.”

É impressionante mesmo. Goleiros não defendem com o taco, se tiverem opção. Sempre preferem usar as luvas, as caneleiras ou até o próprio corpo. Uma defesa com o taco costuma ser resultado de pura sorte, quando o goleiro se joga no gelo feito um louco. Mas para Kriska, parece fácil.

“A gente só precisa achar um jeito de atordoar o cara”, diz Matt.

Concordo com um aceno de cabeça. Mas estou me sentindo confiante. Na última temporada, estávamos detonando todo mundo. Não foi por falta de capacidade que perdemos. Foi por uma lesão infeliz e pela expulsão de Nate por ter que defender minha honra.

Outra regra para o manual do capitão: *defenda seus jogadores.*

Neste ano, perdemos alguns bons jogadores que se formaram, mas ganhamos muitos outros. Temos tudo para chegar ao Frozen Four, a menos que o time inteiro sofra um monte de lesões ou faça alguma besteira muito grande para nos prejudicar.

O técnico bate palmas para encerrar a reunião, sinalizando que podemos sair. Na mesma hora, Bucky levanta um braço e pigarreja. Bem alto. Ele me lança um olhar cheio de significado.

Merda.

O treinador ergue o rosto do laptop. “O que foi?”

“O capitão tem algo a dizer”, anuncia Bucky.

Jensen volta os olhos escuros e severos na minha direção. Eles se parecem tanto com os de Brenna, inclusive no eterno brilho de zombaria. Bom, o cara é o pai dela, né...

“Davenport?”, pergunta ele.

“Hã...” Merda, merda, merda. Estou prestes a fazer papel de idiota. Mas me obrigo a levantar e dizer: “Alguns dos caras querem um porco”.

O treinador arregala os olhos até as sobrancelhas tocarem a linha do cabelo. É raro pegá-lo desprevenido, mas ele agora parece perplexo. “O quê?”

Engulo um suspiro. “Um porco.”

“Um miniporco”, acrescenta Jesse Wilkes.

“O quê?”, repete o treinador.

“O negócio é o seguinte”, explico, resignado. “A irmã e o cunhado de Bucky acabaram de ganhar um porco de um criador de gado de Vermont. Não é um bichão enorme, é um desses em miniatura. Parece que são ótimos animais de estimação... São que nem cachorro, só que comem e cagam mais.”

“O que está acontecendo aqui?” O treinador balança negativamente a cabeça. “O que você está me dizendo?”

Continuo minha explicação idiota. “Sabe esses times que têm um mascote? Os Darby College Rams têm aquela cabra que mora no clube atrás da arena. Os Coyotes, de Providence, têm um cachorro mestiço com lobo e revezam entre si quem leva o bicho pra casa...”

“Tabasco!”, exclama um jogador de defesa do último ano.

“Adoro aquele cachorro”, diz Tree, animado.

“Sabia que Tabasco tenta transar com qualquer coisa que você mandar?”, comenta Bucky, parecendo impressionado.

“Grande coisa”, retruca Conor. “Eu também.”

Todos riem.

O treinador levanta a mão para pedir silêncio. “Vocês estão me perguntando se podem ter um bichinho de estimação?”

“É bem por aí.” Lanço um olhar suplicante. “Como novo capitão, me pediram que eu apresentasse a solicitação formalmente.”

“Um monte de homens adultos solicitando formalmente um animal de estimação?”

Faço que sim com a cabeça

“Vai ser ótimo para o moral”, insiste Bucky. “Pensa só, treinador. A gente podia trazer o porco antes dos jogos, e a torcida ia ficar louca. Cara, isso ajuda a animar a galera.”

“Como um porco anima a torcida? Cantando o hino nacional?”, pergunta o treinador, sem perder a educação.

“Fala sério, treinador”, zomba Con. “Porco não canta. Todo mundo sabe disso.”

“Você sabe mesmo, Edwards?” O técnico parece cético. “Você é a favor do porco?”

Conor abre um sorriso animado. “Eu não tô nem aí pro porco.”

“O time *inteiro* é a favor”, insiste Bucky.

O técnico avalia cada um de nós com um olhar mordaz. “Deus do céu. Estão falando sério, seus idiotas? Acham mesmo que vocês trinta são capazes de manter um animal vivo?”

“Ei”, protesta Matt. “Tenho dois cachorros em casa.”

“E onde é sua casa?”

“Em Minneapolis.”

“E onde você está agora?”

Matt cala a boca.

“Vocês são estudantes universitários em tempo integral, com uma agenda de treinamentos intensiva — pra não falar da vida social — e acham que conseguem cuidar de uma criatura viva? Duvido.”

Era a última coisa que ele deveria ter feito. Um monte de jogadores de hóquei, competitivos ao extremo, ouvindo que não são capazes de fazer alguma coisa? De repente, até os caras que não estavam nem aí pro porco estão se defendendo.

“Eu sou capaz de cuidar de um animal de estimação”, responde Joe Foster, atacante novo no time.

“Eu também.”

“Idem aqui.”

“Qual é, cara, dá uma chance pra gente.”

O treinador comprime os lábios e contrai a mandíbula como se estivesse contendo um mar de palavrões. “Já volto”, ele diz por fim, antes de sair da sala sem mais explicações.

“Puta merda, será que ele vai voltar com um porco?”

Eu me viro para o idiota que fez a pergunta. “Claro que não”, exclamo para Bucky. “Onde ele ia encontrar um porco? No armário de equipamentos?” Balanço a cabeça, contrariado. “Você *tinha* que me fazer perguntar, né? Agora ele acha que o time é um bando de loucos.”

“Não tem nada de louco em querer o amor de um porco.”

Jesse dá um grito. “Gente, já sei o que escrever na lápide do Bucky.”

“Não enche, Wilkes.”

Meus colegas de time ainda estão discutindo entre si quando o treinador volta. Com passos decididos, ele vai

até o centro da sala de mídia e apresenta um ovo, que provavelmente pegou na cozinha da arena.

“O que é isso?”, pergunta Bucky, confuso.

Nosso líder destemido sorri. “Este é o seu porco.”

“Técnico, acho que é um ovo”, diz um dos calouros, hesitante.

Isso lhe garante um olhar de desdém. “Eu sei que é um ovo, Peters. Não sou burro. Mas até o fim da temporada regular este ovo vai ser o seu porco. Vocês querem um animal de estimação para o time, o que, aliás, envolve montes de burocracia com a universidade? Então provem para mim que conseguem manter uma coisa viva.” Ele balança o ovo no ar. “Está cozido. Se rachar, vocês mataram seu precioso porquinho. Se trouxerem de volta para mim inteiro, depois a gente conversa sobre porcos.”

O treinador pega um marcador na mesa e rabisca algo no ovo.

“O que você está fazendo?”, pergunta Bucky, curioso.

“Assinando. E, confie em mim, sei muito bem quando minha assinatura é falsificada. Se vocês quebrarem, nem pensem em tentar trocar por outro. Se este não for o ovo que voltar para mim, nada de porco.” O treinador coloca o ovo na mão de Bucky. “Parabéns, você tem um mascote.”

Bucky olha para mim e me dá um sinal de positivo triunfante.

Se ser capitão é isto, não sei se quero mesmo esse posto.

HUNTER

Estamos destruindo o Eastwood College no gelo na sexta à noite, e isso não tem nada a ver com o braço lento de Kriska. Simplesmente estamos inspirados, e eles não. Kriska defende vários lances, mas cinco — vou repetir, cinco — estufam a rede. Queria dizer que contribuí com mais de um, mas os deuses do hóquei decidiram espalhar suas bênçãos. O primeiro gol foi meu, mas os quatro seguintes foram de outros colegas de time.

Não sei o que aconteceu com a defesa do Eastwood, mas parece que os jogadores não vieram para o gelo hoje. Kriska está sozinho na rede rebatendo discos igual ao Neo desviando de balas de revólver em *Matrix*. Toda vez que um jogador da Briar avança sozinho, o goleiro fica branco feito neve atrás da máscara, porque sabe que está encrencado. Os defensores do Eastwood ou estão tentando nos alcançar ou estão se enroscando nos cantos do rink, oferecendo inúmeras oportunidades de rebote para a Briar.

A torcida grita, animada. O jogo é em casa, então as arquibancadas estão cobertas com as cores da nossa escola, preto e prata. Cara, como é bom estar de volta, respirar o

ar gelado da arena. Aquele arrepio que desce pela nuca e só aumenta a adrenalina que corre no meu sangue.

Estou no banco. Faltam dois minutos para acabar o terceiro período, mas de jeito nenhum o Eastwood vai marcar cinco gols em dois minutos. Olho para o lado. Con está perto de mim. Neste ano, estamos jogando na mesma linha, junto com Matt, e nenhum dos três está para brincadeira. É essa linha que vai nos levar às finais.

“Rapaz, que falta foi aquela!”, comento.

Estamos ambos sem fôlego. Em nossa última passagem pelo gelo estávamos com um homem a menos por causa de uma penalidade, e Conor acertou em cheio um jogador de ataque do Eastwood.

“Cara, meus ouvidos ainda estão zumbindo.” O sorriso dele tem um quê de feroz, graças ao protetor bucal meio pendurado para fora da boca.

“Você fez falta na temporada passada”, admito. “Não tínhamos nenhum cão de guarda.” E nosso maior rival, Harvard, tinha o maior valentão de todos, Brooks Weston.

Mas Conor acabou de chegar de uma faculdade na Costa Oeste. Ele é da Califórnia, um cara com cabelo de surfista e jeitão descontraído. Mas não tem nada de descontraído quando está esmagando outros caras contra a proteção do rinque.

O relógio vai passando, e o treinador segura a gente no banco, deixando a terceira e a quarta linhas aproveitarem a ação. O jogo já está ganho, e ter um tempo extra no gelo ajuda os reservas a se desenvolver. Eles conseguem

segurar Eastwood, e terminamos o nosso primeiro jogo sem levar nenhum gol.

Está todo mundo em clima de festa quando entramos no vestiário para tomar banho e trocar de roupa. Estamos combinando de ir ao Malone's, o bar de Hastings em que os torcedores de hóquei em geral se encontram.

“Você vai?”, pergunto a Bucky.

“Vou. Só preciso de mais uns minutinhos. Tenho que dar a janta do Pablo.”

Sou obrigado a segurar o riso.

Na prateleira superior do armário de Bucky, o mascote está guardado num protetor térmico rosa para latinhas de cerveja. Com todo o cuidado, Bucky pega Pablo Eggscobar.

Enrolado numa toalha, Jesse vê o ovo na mão de Bucky. “Que diabos, cara! Não tá vendo que o Pablo tá com fome?”

“Comida”, cantarola Velky, um sueco que está fazendo intercâmbio com a gente, do outro lado do vestiário.

Faz um dia e meio que Pablo se juntou a nós, e as coisas tomaram um rumo inesperadamente ruim. Alguns dos caras decidiram dar uma de engraçadinhos e encher o saco de Bucky, mandando mensagens para ele em momentos aleatórios do dia e da noite, como se fossem o ovo. Em geral vem tudo em maiúsculas. Coisa do tipo: QUERO COMIDA! QUERO CARINHO! PRECISO FAZER COCÔ!

Mas Bucky é como meu amigo Mike Hollis, não está nem aí para o que ninguém fala ou faz. O filho da mãe decidiu que seguir um cronograma de cuidados realmente

faz sentido. E discutiu isso com o treinador, e agora todos nós juramos por nossa honra que vamos tratar Pablo como se fosse um porco de verdade. A justificativa é que, se não fizéssemos isso, sempre que ele estivesse sob nosso cuidado, jogaríamos o ovo numa gaveta e esqueceríamos dele.

Bucky é o único a levar a questão a sério. O resto de nós só está usando isso de pretexto pra encher o saco do outro.

“Aqui, Pablo, seu jantar”, Bucky diz ao ovo.

O ovo não responde, porque é só uma merda de um ovo.

“Parece que voltei pro maternal”, comenta Matt. Ele balança negativamente a cabeça. “Não vou ficar satisfazendo as vontades de um ovo, cara.”

“Ah, azar o seu”, responde Bucky, presunçoso. “Porque hoje é seu dia de ficar com ele.”

“Não é, não. É a vez do Conor”, protesta Matty.

“Nada disso. Olha aí a tabela.” Bucky fez um sorteio hoje de manhã para determinar quem fica com o ovo e quando. Meu turno é na semana que vem.

“Vocês estão todos doidos.” Matt pega o copinho com o ovo da mão de Bucky. “Juro por Deus, vou encher a cara hoje e comer essa merda.”

Saio do vestiário rindo, com Matt e Bucky atrás de mim. Conor e os outros já foram. Encontramos com eles de novo no Malone's, meu lugar preferido na cidade. Principalmente por causa das mesas largas, da cerveja

barata e da decoração com temas esportivos nas paredes, que no momento estão tremendo por causa do rock antigo no último volume nas caixas de som.

Matt diz alguma coisa, mas a conversa alta e a música estridente encobrem sua voz. Ele passa a se comunicar por sinais, apontando o balcão e fazendo um gesto de beber, explicando que vai pedir uma cerveja.

Dou uma olhada rápida no salão, mas não vejo ninguém conhecido. Abro caminho entre a multidão em direção à porta em arco que leva à sala ao lado, onde ficam as mesas de sinuca, além de mais algumas mesas perto da parede. Vejo uma loura e então uma morena. Betty e Veronica, da Universidade Briar.

“Brenna e Summer estão na mesa do meio.” Tenho que gritar para Bucky me ouvir.

Seus olhos castanhos brilham. “Caaaara. Ela é tão gostosa.”

“Quem? Brenna? Ou Summer?”

“Bem, as duas. Mas estava falando de Summer. Aquela camiseta que ela está usando... caaara”, ele repete.

Pois é, a frente-única amarela está uma delícia, tenho de dar o braço a torcer. Mas fico feliz que a visão de Summer Di Laurentis não provoque mais uma resposta sexual em mim. Mesmo celibatário, não quero dormir com ela.

Até fui a fim dela por um tempo, logo que Summer entrou na Briar, mas infelizmente ela estava na do Fitz. E, embora ainda ache que meu amigo não jogou limpo comigo na época, já esqueci essa história toda. Ela e Fitzy

estão felizes juntos, e quanto mais tempo passamos morando na mesma casa, mais percebo que ela não faz o meu tipo.

Summer é fácil demais, mas não no sentido mais comum e negativo do termo. A questão é que ela não é um desafio. É fácil de agradar, fácil de entender. No começo, essa transparência era o motivo de eu gostar dela, mas não posso negar que é mais divertido quando uma mulher proporciona um pouco mais de mistério.

Não que eu esteja disposto a resolver algum mistério feminino tão cedo. Não transar significa limitar minha exposição a mulheres, porque eu me conheço. Quanto mais tempo passo com uma garota, mais quero transar com ela. A única exceção são minhas colegas de república. E, desde segunda-feira, Demi Davis. É divertido conversar com minha nova colega de turma, mas a melhor coisa para nós é que ela tem namorado.

Brenna levanta assim que me vê. “Hunter! Gente, que jogo!”

“Demais, não foi?”

“Você arrasou.” Ela me abraça, de um jeito muito mais carinhoso do que o seu normal. Mas então vejo os dois copos na mesa. Ah. Ela e Summer já entraram na vodca. “Sério, fiquei de pé o tempo todo, berrando feito uma louca”, continua Brenna, e sei que não é só papo de bêbado. Brenna Jensen é provavelmente a maior torcedora de hóquei (e especialista no assunto) do bar. Ela definitivamente puxou ao pai, e já conseguiu um estágio

na ESPN. Trabalha lá nos finais de semana e nas tardes em que não tem aula.

“A goleada do século”, concorda Summer. “Queria que Fitzzy tivesse visto, mas eu estava tuitando ao vivo o tempo todo, então depois ele pode ler como foi.”

Sento do lado de Brenna. Bucky fica perto de Summer. Um minuto depois, Matt aparece com uma jarra de cerveja e uma pilha de copos de plástico. O Malone’s está com uma promoção nova às sextas à noite — jarras pela metade do preço. Não pretendo exagerar hoje à noite, porque temos outro jogo amanhã. Mas umas cervejinhas não vão fazer mal a ninguém.

“Cadê a maluquinha?”, pergunta Matt para as meninas.

“Quem? Rupi?” Brenna ri. “Está em casa, vendo reprises de *Glee*.”

“Por que ela não veio?”

“Não tem identidade falsa”, explica. “E se recusa a arrumar uma.”

Summer imita a voz aguda de Rupi tão perfeitamente que é quase como se ela estivesse ali conosco: “Não posso *desrespeitar* a lei! Vou esperar até a *maioridade*, muito obrigada!”.

Brenna deixa escapar um suspiro triste. “Sinceramente, não sei como Hollis aguenta. E vice-versa.”

“Pois é”, concorda Summer. “Eles só sabem gritar um com o outro o tempo todo.”

“Ou se pegar”, contraponho.

“Verdade. Ou estão brigando ou se pegando.” Summer balança a cabeça. “Não tem meio-termo.”

“Ele ainda volta nos fins de semana?”, pergunta Matt, levando a cerveja aos lábios e dando um gole. “Faz anos que não vejo o cara.”

“Vem todos os fins de semana”, confirmo. “Mas passa a maior parte do tempo com Rupi. Hollis apaixonado é uma coisa assustadora de se ver, cara. Você precisa passar lá em casa um dia e ver com seus próprios olhos.”

Bucky coloca Pablo em cima da mesa para encher um copo de cerveja. Quando Summer estende o braço para pegar o ovo, ele dá um tapa na mão dela. “Pablo não é de brinquedo”, repreende.

“É só um ovo.”

“Só um ovo?”, exclama Conor, aproximando-se da mesa em tempo de ouvir a resposta estupefata de Summer. “Porra, esse é o nosso mascote, Di Laurentis. Tenha respeito.”

“Ah, desculpa! Não queria magoar seu *ovo*.”

Ele sorri, e nem Summer consegue se conter. Suas bochechas coram, e o sorriso de Connor só aumenta. O cara sabe o que seu sorriso faz com as mulheres. No mínimo se aproveita do poder que tem desde criança, como um dos X-Men.

Mas embora Summer não fique totalmente imune, continua bem indisponível. “Para de sorrir pra mim assim ou vou contar pro Fitz.” Ela bota a língua pra fora. “E ele vai aparecer no meio do treino e quebrar a sua cara.”

“Não tenho permissão pra sorrir pra você? Tudo bem, então. Que tal dançar? A gente pode dançar?”

Summer pensa por um instante. “Claro, isso pode. Mas só porque gosto dessa música.” É uma da Taylor Swift que não conheço direito.

Ela se levanta e arrasta Conor em direção ao grupo de pessoas reunidas perto do pequeno palco, que quase nunca é usado. Acho que nunca vi uma banda ao vivo dar o ar da graça no Malone’s, mas o espaço à frente do palco é a coisa mais parecida com uma pista de dança aqui no bar.

Brenna acompanha com os olhos o caminhar descontraído de Conor. E a bunda dele. “Nossa, que garoto bonito.”

“Você não tem namorado?”, Matt lembra.

“E daí? Não posso reconhecer que alguém é bonito? Qual é. *Olha* só pra ele.”

Matt, Bucky e eu nos viramos para examinar nosso colega de time. Está com uma das mãos na cintura fina de Summer, e a outra segurando sua cerveja enquanto os dois dançam. Quando ele se inclina para sussurrar algo no ouvido dela, seus olhos cinzentos brilham, diabólicos.

Quer dizer, não vou mentir. Edwards é bonito. Todo mundo sabe disso.

“Droga. Agora estou me sentindo abandonada”, reclama Brenna e, quando me dou conta, ela está me puxando do banco e me colocando de pé. “Vamos lá, gostosura, dança comigo.”

Num piscar de olhos, estamos do outro lado do salão, e Brenna está colada em mim. E o corpo dela é tão quente que esqueço como respirar. O jeans apertado está grudado nas pernas longas e bem torneadas, o cabelo escuro é grosso e brilhante e a blusa é ainda mais indecente que a de Summer. Tão apertada que parece que seus peitos estão tentando escapar.

Não quero encostar nela. Meu medo é que, se fizer isso, quando minhas mãos tocarem um centímetro de pele nua ou a menor curva feminina, eu acabe passando vergonha.

“Qual é o problema?”, pergunta Brenna. “Esqueceu como mexer esse corpo?”

Abro um sorriso autodepreciativo. “Vai por mim, você não vai querer que eu me mexa.”

“E por quê...?” De repente, a ficha cai. “Ahhh. Porque você está fechado para balanço.” Ela franze os lábios. “Está com medo de ficar excitado se nossos corpos se tocarem?”

“Já estou excitado”, resmungo. “*Tudo* me deixa excitado, Bee. A sensação do vento no meu rosto me deixa excitado. Esbarrar numa mesa me deixa excitado.”

Ela joga a cabeça para trás e ri. “Ah, que situação, hein?”

Solto um gemido. “A pior possível.”

“Pobrezinho.” Ela pega minhas mãos e as planta em sua cintura, depois passa os braços em volta do meu pescoço.

E, pois é, meu pau não consegue distinguir entre uma garota que tem namorado de uma que não tem, e prontamente engrossa atrás do meu zíper.

“Porra, Jensen, não vamos fazer isso. Por favor.”

“Ah, qual é. O que é um tesão entre amigos?” Ela começa a se mexer com o som animadinho da Taylor Swift, mas, três segundos depois, a música acaba e entra uma do T.I. — “Whatever You Like”. É basicamente sobre sexo e tem uma batida sensual perigosa demais para minhas doloridas regiões baixas.

“Meu tesão não entende que você é território proibido”, murmuro.

“Posso te contar um segredo?”, pergunta Brenna, e quase desmaio quando ela leva os lábios vermelhos ao meu ouvido e sussurra, sedutoramente. “Jake e eu temos um relacionamento aberto.”

Minha garganta fecha na mesma hora. “O... o quê?”, gaguejo, rouco.

“Só estou dizendo...” Ela balança os quadris. “Se quiser quebrar seu voto...”

Um raio de calor sobe por minha coluna. “Como assim?”

“Você sabe exatamente o que estou falando.”

Ela desenha pequenos círculos na minha nuca com as unhas. Enquanto isso, T.I. está cantando sobre coisas molhadas, quentes e apertadas, e estou com um problemão.

“Por que não vamos pra casa?”, sugere ela, apertando os braços em volta do meu pescoço. Nossos corpos estão quase colados agora. Sua voz sensual continua fazendo cócegas no meu ouvido. “A gente fica quietinho, bem quietinho. A Rupi nem vai ouvir.”

Minha boca está seca. De canto de olho, vejo Summer nos lançando um olhar estranho. Desisti de dançar porque meu pau está duro demais. “Tá falando sério?”, pergunto. Porque não acredito nela.

E ainda bem que não acredito.

“Ai, meu Deus, Hunter. *Claro* que não.” A malícia brilha em seus olhos.

“Então você e Connelly não têm um relacionamento aberto?”

“Não!”

Dou uma encarada nela. “E se eu tivesse dito sim? E se tivesse te beijado?”

“Então Jake ia pegar o primeiro avião saindo de Edmonton e seu corpo provavelmente nunca ia ser encontrado.”

“Isso foi muita crueldade”, suspiro.

“Desculpa.” Brenna ainda está rindo, mas tem a decência de parecer ligeiramente arrependida. “Não consegui me conter. Esse negócio de celibato é fascinante. Mas... cara, se você tá tão na seca que estava pensando em ficar *comigo*, então não sei como vai sobreviver a isso.”

Eu também não.

“Seja como for, vem cá”, resmungo, puxando-a contra mim. “Vamos dançar.”

“Tem certeza?”

Faço que sim com a cabeça, arrasado. “Tenho, por que não? O que é um tesão entre amigos, certo?”

DEMI

Entro atrás de Nico no bar movimentado. Vamos encontrar uns amigos no Malone's, que é o único bar de Hastings.

Nico e eu não costumamos vir aqui; quando estamos na cidade, em geral chamamos as pessoas para o apartamento de Nico e ficamos por lá. Mas meu namorado queria sair hoje à noite, e eu não vou reclamar. O Malone's tem os *melhores* nachos da cidade. E as melhores asinhas de frango. Os melhores hambúrgueres. O melhor — tudo bem, o cardápio inteiro é maravilhoso.

“Tá vendo a Pippa?” Fico na ponta dos pés e olho ao redor. “Ela mandou uma mensagem dizendo que tá numa mesa perto do... ah, tá ali.”

Nico segue meu olhar. “Quem está com ela?”

“Parecem Corinne e Darius e... nossa, TJ veio.” Eu o tinha convidado, mas não achei que apareceria, porque TJ não é muito de sair. Quando almoçamos ou vamos ao cinema, em geral somos só nós dois. Ele não é muito fã de multidões ou grupos grandes.

Nico faz uma careta ao ouvir o nome de TJ.

“Se comporte”, eu repreendo.

“Ele é um *pendejo*, Demi.” Meu namorado sempre recorre ao espanhol quando está falando mal de alguém.

“Não é. Ele é meu amigo.”

“Amigo? Fala sério, amor, ele está apaixonado por você.”

Não é a primeira vez que Nico diz isso, mas não acredito que seja verdade. “Ele não está apaixonado por mim.”

“Ah, não? Então, por que está sempre encarando você com aqueles olhos vidrados?”

“Você tá vendo coisas.” Dou de ombros. “E mesmo que *esteja* apaixonado por mim — e daí? Nós dois sabemos por quem *eu* estou apaixonada.”

“Ah, disso eu não tenho dúvida.” Nico leva a mão à minha nuca e me puxa para um beijo.

Para minha surpresa, ele enfia um pouco a língua e, quando me dou conta, estamos envolvidos numa breve sessão de amassos no meio do bar. Isso atrai gritos de um grupo de homens em camisas de hóquei e, quando me afasto dele, estou vermelha.

“Por que isso agora?” Sorrio para o meu namorado.

“Por você ser assim.” Nico pega minha mão e a leva aos lábios. Como o galã latino que é, dá um beijo nos meus dedos.

Nico está supercarinhoso hoje à noite e, pra ser sincera, estou adorando. Ele recusou meus avanços sexuais no final de semana passado porque estava cansado demais, depois me deu bolo durante a semana por causa do carro. Eu mereço um pouquinho de atenção.

“Vai lá falar com eles. Vou pegar nossas bebidas”, oferece Nico, antes de seguir para a fila ridiculamente longa do bar.

Enquanto caminho até a mesa dos meus amigos, vislumbro um rosto familiar pela porta que separa o salão principal do menor.

Hunter Davenport está dançando com uma morena deslumbrante numa camiseta apertada e de batom vermelho-sangue. Está sussurrando algo no ouvido dela. Quando levanta a cabeça para encará-la, não deixo de notar o rubor em seu rosto e os olhos pesados. ã-ham. Alguém vai transar hoje.

Me pergunto o que a garota que fez o almoço dele acha disso...

A ideia de sair com várias pessoas ao mesmo tempo me parece um pesadelo. Mas pior que isso é ser a garota que *namora* o cara que pega um monte de gente. Sou muito possessiva e ciumenta. Meu homem não tem permissão para se envolver com outras quando está comigo. E, se um dia eu tiver que começar tudo de novo, deixaria isso bem claro logo no início e conversaria sobre exclusividade antes que o cara pudesse segurar a minha mão.

Como minha mãe sempre diz, saiba o seu valor. Eles que corram atrás.

Mas cada um na sua. Hunter claramente tem muita sorte com as mulheres. A garota com quem está dançando ri do que acabou de ouvir e, enquanto balança a cabeça,

com cara de quem está se divertindo, me vê na porta. Então faz um leve aceno para me cumprimentar.

Mando um beijo para ele. Hunter sorri e volta a se concentrar na menina, enquanto eu me junto aos meus amigos.

“Demi!”, grita Pippa, ficando de pé para me abraçar.

“Oi, *chica*.” Pippa é minha melhor amiga na Briar. A gente se conheceu na semana dos calouros, descobrimos que nós duas crescemos na Flórida e, desde então, somos inseparáveis.

“Oi”, nossa amiga Corinne me cumprimenta. “*Amo* essa saia.”

“Obrigada, está tão velhinha.” Aliso a frente de minha saia jeans surrada. Já estamos no outono e ainda estou usando saia curta e camiseta. Não sei se odeio ou se amo o aquecimento global.

Inclino-me sobre a mesa para dar um beijo na bochecha de TJ. “Não acredito que você tá aqui”, digo a ele. “Que bom que você veio.”

Ele cora um pouco e toma um longo gole de cerveja. Ao lado dele está Darius Johnson, um grande amigo meu e de Nico.

“Oi, D”, digo a ele.

“Oi, D”, ele me imita, e nós dois sorrimos. Quando nos conhecemos, houve alguma rivalidade sobre quem ia ficar com o apelido, mas no final decidimos que os dois iriam usar.

“E os seus amigos?”, pergunto. Onde quer que Darius esteja, em geral há pelo menos três outros jogadores de basquete não muito longe. Mas hoje não vejo ninguém.

“Briar ganhou o jogo de hóquei”, explica Darius. “Eles não queriam encarar um bando de torcedores. Esse pessoal é louco.”

Como que para comprovar o argumento, um trio de homens escolhe este momento para passar tropegamente por nossa mesa, gritando: “Bri-ar! Bri-ar!”. Um deles está girando a camisa preto e prata no ar, o que significa que está andando seminu pelo bar. Muito elegante.

Nico volta com um daiquiri rosa para mim e uma garrafa de cerveja para ele. É uma marca cubana que raramente se encontra nos Estados Unidos, mas que, de alguma forma, o Malone’s tem. Isso me faz sorrir, porque tenho certeza de que foi minha mãe que apresentou a cerveja pra ele. Lembro que ela o deixou provar a dela na minha festa de quinze anos. Desde então, ele só bebe isso.

“O que tem feito esta semana?”, pergunto a Corinne, enquanto me acomodo no banco, na frente dela. “Você não respondeu minha mensagem sobre a mudança. Ainda precisa de ajuda?”

“Eu sei, desculpa. Os móveis foram uma dor de cabeça. Odeio mudança”, reclama ela.

Corinne acabou de se mudar para um quarto e sala em Hastings, a poucos quarteirões do Malone’s, inclusive. É raro encontrar lugares vagos na cidade, mas Corinne conhecia o inquilino anterior, um aluno de economia da

Briar que desistiu da faculdade de uma hora pra outra. Corinne fez uma proposta ao proprietário do prédio antes que as pessoas soubessem que o apartamento estava disponível.

“Mudar não é *tão* ruim assim”, Nico brinca com ela. “Quer dizer, principalmente quando você tem três caras fortões pra te ajudar.” Ele balança as sobrancelhas.

Solto uma gargalhada. Nico e dois de seus colegas na empresa de mudanças ajudaram Corinne no domingo passado, e carregaram todas as caixas e móveis da casa que ela costumava dividir com outras cinco meninas.

“Os caras fortões tiraram a camisa e mostraram os músculos pra você?”, pergunto a Corinne, que está corando.

Ela começa a rir. “Quem me dera. Tudo o que fizeram foi beber minha cerveja e sujar meu tapete novo com aquelas botas.”

“Mentira!”, exclama Nico, bem-humorado. “A gente cobriu os sapatos com um protetor.”

“E, para responder à sua pergunta”, ela me diz, passando a mão pelo cabelo escuro e cacheado, “sim, vou precisar de muita ajuda para arrumar tudo. Talvez uma noite na próxima semana, pode ser?”

“Claro. Só dizer quando.” Conheci Corinne através de Pippa e, embora nunca tenhamos sido muito próximas, gosto de sair com ela. É um pouco calada, mas quando fica à vontade pode ser muito engraçada.

Nico dá um gole na cerveja antes de pousar a garrafa e passar o braço em volta de mim. Ele está cheio de mãos-bobas nesta noite. Em seguida se aproxima e deixa beijos suaves em meu pescoço, até Pippa soltar um gemido alto.

“Qual é, gente, vamos parar com a pegação. Vocês *acabaram* de chegar. Nesse ritmo, vão estar trepando na mesa antes do final da noite.”

“Gostei da ideia”, diz Nico, piscando para mim.

Nossa, como ele é bonito. Nico nasceu em Cuba, mas se mudou com a família para Miami quando tinha oito anos. Eram meus vizinhos do lado, e bastou olhar para aqueles olhos amorosos e aquelas covinhas grandes para que a Demi de oito anos ficasse apaixonada. Felizmente, ele sentiu o mesmo por mim.

Conversamos um pouco sobre as aulas, mas eu não falo muita coisa. Verdade seja dita, odeio todas as minhas matérias deste semestre, com exceção da psicologia. Hoje, em química orgânica, discutimos compostos organometálicos com tantos detalhes que meu cérebro quase derreteu. As aulas de ciências no colégio não me incomodavam tanto, mas, desde que entrei para a faculdade, estou pouco a pouco começando a odiar.

Enquanto tomo minha bebida, escuto distraidamente Nico e Darius conversando sobre o time de basquete. D está tentando convencer Nico a ser o novo roupeiro, porque o atual acabou de sair, mas Nico está muito ocupado com o trabalho e as aulas. TJ permanece quieto

durante a maior parte da conversa, só fala quando pergunto alguma coisa.

Não ligo para o que Nico diz. TJ é um amor. É um ótimo ouvinte e costuma dar conselhos muito bons. Queria que encontrasse uma namorada, mas ele é muito tímido e tem dificuldade para se abrir. Tentei apresentá-lo para uma das minhas colegas de fraternidade uma vez, e ela disse que TJ mal abriu a boca durante todo o encontro.

“Eu posso ser a roupeira”, Pippa diz a D. “Mas só se puder ver vocês tomando banho. Acho que não é pedir muito para... ai, meu Deus.” Ela para no meio da frase, encarando boquiaberta o sujeito alto que passa por nossa mesa. “Deixa pra lá. Quero ver *aquele ali* tomando banho.”

Só consigo vê-lo de relance. Cabelo loiro na altura dos ombros, camiseta vermelha. Viro, mas não consigo ver seu rosto. O corpo, porém, é um espetáculo.

“Tira o olho”, Nico me repreende.

Sorrio. “Ah, qual é. Olha só aquela bunda. É de outro mundo.”

Meu namorado dá uma olhada bem na hora em que o cara some no corredor que leva aos banheiros. “Nada mal”, ele admite. “Mas isso não significa que você possa ficar olhando.”

“O que você vai fazer, me bater?”

Seus olhos castanhos chocolate se estreitam, sedutores.

“Não me provoque, *mami*.”

Corinne dá uma tossidinha de leve, enquanto Pippa e Darius suspiram dramaticamente.

“Desculpa”, digo a todos. “Vamos nos comportar, juro.”

“Eu não quero me comportar”, anuncia Pippa. “Quero fazer tudo de errado com aquela lindeza. Quem era?”

TJ responde: “Jogador de hóquei, acho. Pelo menos, veio da mesa dos jogadores de hóquei.”

“Mesa dos jogadores de hóquei?”, repete ela.

Ele aponta com a cabeça em direção à outra sala, onde Hunter Davenport e seus amigos estão amontoados em duas mesas enormes. Tudo o que vejo são meninas bonitas, atletas enormes e muita comida.

Por falar em comida...

“Quem quer nachos?”, pergunto enquanto pego o cardápio que estava na frente de Darius. “Vou pedir uma porção, mas também pensei em... humm, agora tem um aperitivo novo aqui. Croquete de espinafre com queijo. Ai, claro. Tô dentro. Vou pedir uma porção, e depois os nachos, e quem sabe... asinha desossada?”

“Com quem ela está falando?”, Pippa pergunta ao meu namorado.

Ele suspira. “Deixa rolar, Pips. Você sabe como funciona.”

Levanto os olhos do cardápio. “Vocês estão me julgando?”

“Estamos”, diz Pippa.

“Totalmente”, concorda Darius.

“Como você pode comer tanto e não engordar?”, pergunta Corinne.

“Eu nunca julgaria você”, TJ me garante, sorrindo com malícia.

“Obrigada, Thomas Joseph. E vocês aí, adivinhem? Não vão poder provar os croquetes de espinafre. Podem ficar aí morrendo de inveja, enquanto...”

“Ele tá voltando”, sussurra Pippa.

E lá está o jogador de hóquei de camisa vermelha. Desta vez, vejo seu rosto e entendo na mesma hora por que Pippa está babando em cima da mesa. Ele tem olhos cinzentos muito vívidos, e abre um sorriso bonito quando percebe o olhar de Pippa. Mas continua andando.

“Ai, meu Deus”, murmuro, e Nico me cutuca nas costelas.

“Jogador de hóquei, sem dúvida”, TJ confirma com um aceno de cabeça. “Mas não consigo lembrar o nome dele.”

“Espera, vou descobrir.” Pego meu celular na bolsa.

“Como assim, você vai descobrir?”, exclama Pippa.

Procuro o nome de Hunter na lista de contatos. Trocamos nossos telefones na minha casa, na segunda à noite.

EU: Ei, homem do hóquei. Quem é o cara de camiseta vermelha, rostinho bonito e bunda mais bonita ainda?

Mesmo espichando o pescoço em direção ao outro salão, não consigo identificar Hunter em meio ao mar de atletas. Mas os três pontinhos na tela do meu telefone me dizem que ele está digitando uma resposta.

“Para quem você está mandando mensagem?”, pergunta Nico.

“Hunter Davenport.”

TJ fecha a cara para mim. “Você está mandando mensagem para Davenport?”

“Tô, a gente tá trabalhando junto naquele projeto, lembra? Tenho o telefone dele.”

“Quem é Hunter Davenport?”, pergunta Corinne.

“Só um jogador de hóquei que acha que é um presente de Deus para o mundo”, diz TJ, sorrindo ironicamente.

“Você nem conhece o cara”, provoco.

“Esbarrei com ele no ano passado, lembra? Quando tratou a biblioteca como se fosse seu motel particular?”

Não respondo, porque a mensagem de Hunter acabou de chegar.

HUNTER: *Conor Edwards. Ala direito, camisa 62. Por quê? Quer o número dele?? Vai pular a cerca???* Tsc, tsc.

Ninguém vai pular cerca nenhuma, digito de volta, e quando percebo Nico lendo por cima do meu ombro, faço questão de acrescentar: Amo meu namorado muito muito MUITO.

Nico relaxa e me dá um beijo na cabeça.

EU: *Uma amiga tá interessada. É solteiro?*

HUNTER: *É, mas acho que ele já escolheu com quem vai terminar a noite. Se quiser, dou um pulo aí e apresento vocês, tá a fim?*

Olho para Pippa. “Quer que ele te apresente?”

Ela fica de queixo caído. “O quê? *Não*. Ele é gato demais.”

“Tem certeza?” Aceno meu telefone sedutoramente para ela. “É só eu pedir.”

“Se eu tenho *certeza*? Estou com uma espinha na testa e não lavo o cabelo há quatro dias, porque não estava planejando conhecer *Adônias* hoje à noite. Fala sério, Demi, qual o seu problema?”

Eu dou risada e escrevo para Hunter.

EU: Talvez outra noite.

Ele responde com um *Beleza*, e os pontinhos desaparecem da tela.

“Covarde”, provoco Pippa.

“Isso não se faz. Jogar uma bomba dessas no meu colo no último segundo. Não estou mentalmente preparada para ficar com ninguém esta noite.”

Não sabia que precisava de preparo mental para ficar com alguém, mas acho que não sei bem como funciona essa coisa de se envolver com uma pessoa diferente a cada noite. E, por mim, tudo bem. Olha só à minha volta — Hunter fazendo malabarismos com um monte de mulher, Pippa se contorcendo de nervoso com a ideia de ser apresentada a um cara bonito. Ficar parece estressante demais.

Já os relacionamentos sérios são agradáveis e seguros. Esse é o meu mundo.

Entrelaço meus dedos com os de Nico e agradeço às minhas estrelas da sorte por não fazer parte desse outro mundo aterrorizante.